

1)
Breve noticia sobre Antonio José da Silva

Cod. 34-17



46-5-46.

Pelo esquecimento em que estão o nome dos
nosso illustres antepassados; e desleixo com
que tratamos os poucos escriptores que nos
dois gloria, e a completa ignorancia da
nossa Litteratura sou forcado a dar aqui
uma breve noticia do principal Personagem
deste Drama, para sua melhor intelligencia.
Antonio José da Silva nasceu no Rio de Ja-
neiro em 8 de Maio de 1705; seu Pai João
Mendes da Silva, que exercia a profissão
de Advogado, o mandou estudar Direito
na Universidade de Coimbra. Dahi, ten-
do-se ja formado, partiu para Lisboa,
onde estabeleceu-se e começou a advogar
e a adquirir reputação e amizades.
Dotado de um genio irresistivelmente comico,

e satyrico, deõ-se ás composicoens theatraes,
desprezando todas as regras estabelecidas, e não
atendendo senão ao estado ~~do~~ povo para
quem escrevia. Envião o conde de Ericeira,
então litterato de grande nota, e Legis-
lador do parnaso Luzo, o aconselhavel de
imitar a Moliere, como elle em tudo
imitava e seguia a Boilau, de quem
traduzira em Portuguez a Arte Poeti-
ca. Au^{to} J^o ouvia os conselhos do seu
nobre amigo, admirava Moliere, mas
seu genio era outro. Apesar de todos
os seus defeitos, Au^{to} J^o é o unico ri-
val de Gil Vicente, e mereceu o titulo
de Plauto Luzo, e suas composicoens
ainda hoje são applaudidas nos the-
atros de Lisboa, ellas correm impresas
com o titulo de operas Portuguezas.

Atmosfera de cathedra e Mangrove,
D. Quixote, e Labirinto de Creta, e
Esopo encerram scenas veroludica-
mente comicas.



As particularidades de sua vida
são ignoradas; mas do silencio da His-
toria se aproveita com vantagem em
a Poesia, e a imaginacão supre opti-
mamente todas as lacunas, o que se
sabe positivamente é que elle
foi queimado vivo na praça do
Reis, em Lisboa, em um acto de
Fe' em 1739, ~~tendo~~^{nas} idade de 34
annos, tendo sido accusado ao Sancto
officio como Judeo.

Dirigando encetar minha carreira Dra-
matica por um objecto nacional,
nemhum me pareceu mais capaz de

Importar as sympathias e as paixões em
tragedias de que este: as desgraças de um
homem de letras, de um Poeta, que concor-
rer para gloria Nacional, não podem
deixar de excitar interesse e amor,
ao menos do nosso País. E tanto mais
deve esta lição ser importante quanto
a miséria, e o abandono é o fim de
quasi todos os Poetas Portuguezes e Bra-
sileiros. Queira o Céo ^{se} compadecer dos
futuros engenheiros, e animar os nesta
nobre empreza de civilisação e de
gloria nacional, apesar da ingrati-
tude, ~~e indiferença~~ ^{indiferença} daquelles que ~~podem~~ ^{podem} ~~edificar~~ ^{edificar}
~~o~~ ^{que bem} ~~de~~ ^{dizem} como em:

O ~~favor~~ ^{favor} com que mais ~~se~~ ^{se} ~~accende~~ ^{accende} o engenheiro,
Não o dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cobicia...

Ainda hoje assim é!...

* favorecer os nascentes ~~engenheiros~~ ^{genios}.

O Poeta e a Inquisição,
ou

Antonio José
Drama Tragedia

em 5 Actos.



Acena em Lisboa
em 1739

per
D. J. G. de Magalhães

1836
Bonzellas.

~~Fallamos neste Drama~~
Personagens

Antonio José

João Custódio dos Santos

Marianna.

Estella Terrefreda

Fr. Gil (Dominicano)

Costa

O Conde de Ericeiras

Jose Romualdo

Lucia, criada de Marianna

Um criado do conde que falta

Soldados, e Familiares do Sancto officio

Representada pela 1ª vez no theatro da
Praça da Constituição do Rio de Janeiro
em 13 de Março de 1838.

O Poeta e a Ingniticaõ
ou

Antonio José.

Drama

Acto V.^o

Scena 1.^a



Vista de sala particular em casa de Marianna;
de um lado uma ^{Commoda} ~~comoda~~, sobre a qual está um
crotório fuzado segundo o uso antigo, cujo destino
se menciona no 2.^o Acto. Do lado opposto uma
mesa e um candieiro antigo. Marianna: apen-
tada com um papel na mão como quem
estuda suas partes do Acto. Lucia: en-
tre esperando a luz.

Marianna e Lucia.

Marianna

Deixa-me, Lucia; deixa-me tranquilla.

Vai-te, deixa-me só; repousar quero

Esta cabeça de fadigas tantas.

De mim terias pena, si souesses

Que turbilhão de fogo me devora.

Sente tu mesma, toca. (pegando na mão de Lucia
e levando-a à cabeça.)

Lucia

Oh como queima!
Parece um forno!... Que terrivel febre.
Senhora, quer tomar alguma coisa?
Quer qui eu chame o Doctor?

Marianna

— Não, nada quero.
Somente que me deixes em te peço.

Lucia

Como a posso deixar em tal estado?
Fera preciso um coração de pedra.
Não... Agora me lembro... vou fazer-lhe
Um remedio caseiro; espere, eu volto *(vai)*

scena 2^a

Marianna só

Pobre Lucia, sem ti eu já morrera.
É quasi Mãe, fiel, sincera, amiga.
Quantas obrigações eu não te devo...
Oh! que aguda pontada.

Lucia

scena 3^a

voltando com um copo na mão
~~de uma grande manga, e com~~
~~um biscoito na mão.~~

— Aqui lhe trago

Um remedio bem simples, mas que cura:
E' em prouquintos d'agua com vinagre.
Molha-se o lenco, ... apim... E' causa sancta
Nao tenha medo, applique sobre as fontes.
Ensinou-me ... quem mesmo?... nem me lembro

Marianna

Oh, que dor! fer-me mal a frialdade

Lucia

E' sempre apim; daqui a pouco passa.
Mas tenha paciencia

Marianna

— Estou mais calma
O calor se dissipou, e a dor se abrandou.

(olha no papel p^a ler)

Lucia

Deixe, Senhora, esse papel maldito.
Que praga! forte teima de leitura
Continuamente ler! nunca descanças!
Está ali por que sofre... não se queixe.
O mesmo ferro quando muito o malham
E a pedra quando a batem ferem fogo,
Quanto mais a cabeça qu'è sensivel!
Isto é mania.

Marianna

— Vê como é difficil

O trabalho da mente, e o quanto custa
Ter um nome no mundo! Enquanto dormes



No teu leito tranquillta, em vello, em lucto,
A noite para ti trar o repouso,
E si o dia ao trabalho te convida
Co'a paz no coração deixas o leito.
Teu diurno trabalho não te cansa:
Co'a paz no coração ao leito voltas.
Mas em, quando repouso? Ante um espelho
Estudando paixens, comprindo o corpo,
Mil expreçoens n'uma hora procurando
Meus dias passos: e tu deudas me julgas
Quando me vês gritar, lutar, ferir-me
Eas vezes investir-te delirante!
Durante a noite minha fronte escaido
Juncto d'esta candeia, que me aclara,
Sua negra fumazca respirando,
Ou medindo o sabão d'um lado a outro.
Sempre co'o meu papel diante os olhos
Como um espectro do sepulcro, erguido
Em desalinho, pallida: e com vezes
Primcirs a tur se apiaça, qu'eu me deito.
Si busco o leito então, oh que tormento

6
Da cabeça inflammada o somno foge,
Nova scena a meus olhos se apresenta,
No theatro me cuido, esento a orchestra,
Vejo a platéia, os camarotes cheios,
Oico os applausos, bravos, que me animam,
E com esta illusão a vida cobro.

Illusões que durmo, sonho, e de repente
No som da pateada affictos recordo.
E amanhã, e outro vez commença a vida.
Oh vida! oh illusão, oh meu martyrio!

Lucia

Oh! certamente que me causa pena.
Tanto eu não poderia: antes quizera
Uma esmola pedir de porta em porta
Do que seguir tal genero de vida.
E então por que talar sua existencia?!
Para agradar o povo! e apresentar-se
A rir, ou a chorar, como uma douda!

Marianna

Que dozes tu? bestada! o teu descurso
Bem mostra que da gloria o amor não sentes.



Lucia

Não sinto; e queira o céo qui eu nunca sintas;
Que si da gloria o amor é que the causa
Tantas inquietações, tantas vigílias
Despreso tal amor. Eu de continuo
Nas minhas orações me recomendo,
Quando me deito, ao grande sancto Antonio
E ao meu Anjo da guarda que me ajudem,
E de vis malefícios me preservem.
So quero amar a Deos... Diga senhora,
Per ventura lancem amara a gloria?

Marianna

Oh si amara! E que luso depois d'elle
Tanto amou-a?

Lucia

- Pois bem, sempre fui pobre

Na miseria viveo, pedindo esmola,
E morreo no hospital. Senhor Antonio
Que the diga o que ganha coas comedias
Eu elle compõe, para agradaer o povo.

Marianna

Ganha a reputação de Plauto Liso
De um illustre escriptor, de um grande homem

Lucia *(um pouco de comparação)*

Melhor fora dizer - de um pobre homem.

Marianna

Co que tem a pobreza co'o talento

Lucia



Muita, que em Portugal andam casados.
E si senhor Antonio continua
Já lhe prego um fim bem desgraçado.
Eu si souza dizer q' elle é' zocoso
Que fax as pedras vir: eis por porque o amam?
E si não fosse a banca, e os demandistas
Qual lhe dá de comer, creio de certo
Qui elle morto estaria ha muito tempo,
Ou pelas portas pederia esmola,
Como o pobre Lamoens... Lamoens!... cortado.
Quando da sua sorte me recordo,
Em lagrimas meus olhos se convertem.
Pobre homem!... Tão moço!... Cavalleiro,

Que podem ter sido alguma coisa,
Dar em Poeta!.. Andar fazendo versos!

(com tom
de piedade
e de compaixão)

Errando pelo mundo, naufragando,
Vir a Lisboa p'ra pedir esmola,
Comer o pão com lagrimas molhadas,

Morrer n'um hospital!.. Eu creio net-o

(limpando as
lagrimas)

Envolto n'um lençol, no adro da Igreja,

Sobre a pedra estendido, allí, exposto,

Movendo a piedade de quem passa,

Que lhe atira um real p'ra sua coxa!..

Oh meu Deus, que castigo!.. Eu tenho um filho,

Um filho que tambem vive no mundo,

Fazê qu'elle da gloria o amor não sinte,

Que não tenha talento, e sobre tudo

Que não seja Poeta, p'ra que possa

Ser feliz sobre a terra.

Marianna

-O teu discurso,

Mãe-grado meu, o coração me toca.

Confesso que não fallar sem nutros.

Mil vezes reflectindo sobre a sorte,

8

Vendo a miséria perseguir o genio,
A ingratitude dos homens, a injustiça,
A infâmia que sobre elle a inveja lança,
E do desprezo da vil mediocridade,
Que no todo se arrasta como o verme,
Contro Deus não conhece mais que o ouro,
Discurso como tu; e só desejo...

Nem sei o que... morrer... deixar o mundo.

Confesso que abraçava o teu conselho
Si não fosse ser eu já conhecida,
E não poder arrepiar caminhos.

Sobre mim julga o povo ter direito.

Amanhã si eu disser: adeus, theatro!

Todos se julgarão autorisados

Para me vir endagar qual o motivo.

Que não seria o povo, e que calumnias,

Que infâmias sobre mim não lançariam.

Quasi que sou escrava. — No que dizem

Eu descubro rasão.

Lucia



— Mas não a segues

Marianna

Nem posso.

Lucia

Então porque?

Marianna

É impossível.

Lucia

Impossível!

Marianna

Sim, Lucia.

Lucia

Quem a impede?

De seguir meu conselho?

Marianna

- A minha sorte.

Cada qual tem a sua; a minha é esta.

Lucia

Mas a sorte se muda, muda a sua.

Marianna

E tu porque não mudas tua sorte?

Lucia

Aminha é outro caso; e só Deus sabe
Si eu lhe peço que mude; mas de balde.

Marianna

At tu cuidas qu'è Deus quem te embarca
De mudar tua sorte?

Lucia

Oh certamente.

Não tenho vocação de andar servindo,
Nem faço gosto nisto.

Marianna

Pobre Lucia,

Dás armas contra ti. sem gosto serves,
E cuidas não poder mudar de vida,
E a culpa pões em Deus, e tu me accusas?
E queres sem razão qu'eu mude a minha,
Quando nasci com vocação p'ra scena?
Tento razão de mais para seguir.

Lucia

Sa, Senhora Marianna, em argumentos
Não me quero metter com a senhora.



Não tiro conclusões, nem tenho estudos,
Mas confio, a certeza está dizendo...
E dizer tenho ouvido a muita gente
Ei' é melhor e mais nobre ser crenda
Que ser comediante.

Marianna

Lucia, é muito.

Nunca pensei que a tanta te atreveses.
Si não fora ter dó do teu estudo
Hoje mesmo...

Lucia

Senhora, não se offenda,
Dize isto por dizer; sou uma tanta
Desculpe esta ousadia

Marianna

Eu te perdoo;

Tu pensar como o vulgo.

Lucia

Eu me retiro.

Marianna

Vai-te, vai-te deitar.

Lucia

Lineapita

De mim pira alguma coisa...

Marianmas

- Nada quero.

Boa noite, Senhoras,

Marianmas

Deus te ajude.

Lucia

Marianmas



E por tanto ella pensa como o vilgado
Que nos vê com desprezo, e que nos trata
Como uma estupe vil e desgraçada,
Sem honra e sem pudor; qui' ousa mostrar-se
Em publico debaixo de mil formas
Só por amor do ganho: hoje trajada
Com as vestes reaes de soberana,
Amanhã se' os andrajos da pobreza...
Só pira rir, pira papiar alegre uma hora,

Não para corrigir seus vícios costumes,
O theatro procuram: nos lhes damos
Em vulto em mel um salutar remedio;
Com seus proprios defeitos e seus erros
Excitamos o riso; e a outras vezes
Co' o quadro da desgraça e da virtude
N'alma nobres paçoens lhes accendemos.
Mostramos a innocencia perseguida,
Um pai sem coração, um filho ingrato,
Uma esposa infiel, um Rei Tyranno,
Um magistrado que a justiça vende,
Interpretando a historia, e dando vida
As sublimes liçoens da Poesia,
Lhes mostramos os rapidos contrastes
Do nada e da grandera: elles nos ouvem,
Elles nos vêem com lagrimas nos olhos,
E quando nós lhes embecemos n'alma
A dor, a compaixão, o amor, e a ira,
Como nós da paixão só profundidos,
Esquecidos mil vezes, nos transportes,

4
Que dos quadros que veem, elles são normas,
Que de crimes ignoas são réos as vezes,
Cheios de enthusiasmo nos applaudem,
Choram mesmo com nosco, e se envergonham
Do aspecto do quadro, que des presta
Como um remorso vivo a consciencia
De seus crimes; proem a noite passa,
E amanhã o despiress é nosso premiss!..
Nos somos como a flor, que em quanto fresca,
Seu cheiro espalha e cuidadores guardam,
Mas tanto que espalhou o aroma todo,
Tanto que murchoa, para o canto atiram.
Apim pratica o povo, ingrato sempre!...
Eu sei qu'isto é apim; proem que importa!
Não posso revoltar ao meu instinto...
Um immense theatro é este mundo,
Um papol aqui todo representam,
Eu represento dous, de dia e noite
Eis meu unico crime. (batem com força na porta)
Mas quem bate
Com tanta força? quem será? (batem de novo)
Quem bate?



Responde An^{to} J^o da porta de fora

Abre a porta Marianna, abre de prefer.

Marianna

E' Antonio Jose! (corre para abrir a porta)

Senhor 5

Antonio Jose entra a furto e arrojando o canaco encosta se na porta com a mão na chave, depois fecha a porta e afasta se um pouco como alguemas. Marianna todo este tempo leva as outras fôrmas sobre elle como se era de terrço. de pous de grande silencio e parte An^{to} J^o suspira, e entao Marianna falla.

Marianna

Senhor, que tendes?

Está doente?

Antonio J^o levantandose fôr

Sim, mas é de raiva

De não poder trazer eses seiãrios.

Raça vil, bando infame de assassinos

Que vivem de beber o sangue humano!
Oh maldição do céu caia sobre elles.
Maldição, maldição: o céu me escute.

Marcannon

Oh já vejo: ladrões vos atacaram
Quizeram vos roubar. Estais ferido?

et. v. 14

Sim, dezis bem, ladroens;... Ladroens, sicarios.

Por toda a parte eis ladroens encontro

Tudo se rouba, vida, honra, dinheiro

Roubam-se ao Português a liberdade

Cate o pensamento roubar querem.

Infames! querem que o homem seja escravo

Que seja cego e mudo, e que não pense

Para melhor calcar-nos a seu grado

De noite aproveitando o horror das trevas

Subaterrão ladroens gyram nas ruas,

E em cada canto o cidadão encontra

Um punhal, e uma caixa de afapino;

Si d'elle escayra em cada praça topa

Um espirito, um refabado amigo



Não é seguro arijo a nossa casa.

Não ha lei nem costumes, nem governo
Nem povo, nem morab; sobre saltado

Ha sempre o homem, sempre receio
Do que diz, do que pensa, nem no leito
Nem no templo de Deo ha segurança,
La mesmo vão perversos antestrasse,
La se acontam traidores, homicidas
Que se cobrem co'manto da virtude
Para mais a se salvo flagelar-nos.

Mais brutos, mais sacrilegos infames
Profanam do seu Deo, que adorar fingem
o nome da lei de amor. - E tu consente,
Oh Deo, que me ouves, que os supporte a terra!
Que em teu nome perpetrem tantos crimes?

Mos si consente consurador lobo
sobre a terra, o castigo lhes preparas.

Sim, sim eu creio no futuro premio,
No castigo futuro: tu és justo.

Marianna

Que discurso! - at rasão terá perdido?

(aparta)

Nunca vos vi assim. Que estranho caso
vos pode acontecer?

Ant. J.

Estou perdido.

Marianna

Perdido? como assim, por que motivo?

Ant. J.

Nada sei

Marianna

Que officio isto me causa!

Ant. J.

Os monstros! si eu pudeste exterminal-os!

Qual é meu crime? e qui' é que tentas fazer?

Para ser perseguido?

Marianna

Perseguido!

Ant. J. (segurando na mão de Marianna)

Sim perseguido; sim, talvez agora

Os vis delatantes me procurarem.

Talvez mesmos a teu lado, quando eu deo

Estar salvo, e seguro, alguém me esente.



Marianna

Oh que delirio

Ant. J. J.

Não, eu não deliro.

Nunca em mim a razão fallou tão alto

Não estou seguro de que furioso posso pôr entre vós
engorrandos Marianna

Marianna

Oh que injusticia

Tenho, vós me fazeis. fallar as acas

Que sou vossa inimiga? quem vos pode

Inspirar esta ideia? e que motivos

Vós tendes contra mim? como é possível

Que me trateis assim?

Ant. J. J.

Não, Marianna,

Não me queixo de ti; eu te conheço;

Sei que tudo darias para salvar-me

Mas é quasi impossível.

Marianna

Eu inda ignora

Desta mudança a causa.

44
An. 40^{ta} f.^{ta}

Como ignoras?

Mas então tu não vês? já não te disse
Queres pois que muitas vezes te repita
Que não posso escapar, que me perseguem?

Marianna

Mas quem

An. 40^{ta} f.^{ta} (com maior furor)

Inquisição, a Inquisição.

Marianna

O Deus a Inquisição! (cheia de horror)

An. 40^{ta} f.^{ta} (indo-se de colera)

O Sancto officio!!!

Marianna

Que horror! a Inquisição

An. 40^{ta} f.^{ta} (colera misturada de piedade)

Oh sancto officio!!! Sancto?... o Sancto officio (rite de rouim)

Mil vezes infernal. O braço do Inferno (furioso)

Sancto? Como está tudo profanado! (compaixão)

Como os homens são máos! Como elles zombam

De' co' o nome de Deus! Quem poderia



Coer que a Religião de Jesus Christo
De instrumentos servisse a' tanta infamia?

Marianna

Toregai; Deus protege os innocentes.

An.^{to} J.

N'outro mundo talvez

Marianna

Etambem n'este.

An.^{to} J.

N'este não; qu'este mundo é dos malvados

Marianna

Mas entre elles, tambem ha homens justos

An.^{to} J.

Pro servirem de victimas aos outros

Marianna

Embora seja apim; o que nos cumpre
É cuidar de salvar-vos.

An.^{to} J.

Porém como?

Como da Inquisição fugir os garras?

Li aqui fico não posso estar seguro.

Está saio hoje mesmo serrei preso.

Pois bem daqui não saio, que se canço
Não mas danar tão facil a victoria.

Sedo em tarde a marmorra é infalivel,
Mas quero que primeiro se espasjere.

Lei de sangue fundada na ignorancia

Que se oppõe á razão e á Natureza

Não é lei que os homens obedecam ^{usando}

Antes quero morrer longe da Patria ^{em um lado}

Do que n'ella soffrer a tyrannia ^{o outro}

Quando podes cidadão não ha direitos

Não ha tambem deveres... ^{meditando!} Sim é justo.

Vou escrever ao Conde de Ericeira.

Da-me papel. Eu quero qu'elle saiba

A triste posição em que me vejo.

Lucia onde esta?

Marianna

La dentro

An ^{to} je

Vai chama-la

sa Marianna



Scena 5ª

Ant. Jo^z (escrevendo)

" Sobre conde, entre a vida e a morte me acho.

" Um rei na Inquisição, outro no mundo

" Decidi p'ra que lado cair devo.

(Não me quero pintar com negras cores)

O estado em que me vejo p'ra poupar-me
Momentos de furor ~~e~~ continuemos.)

parte

" Decidi, sobre conde em vós confio

" Vós me poddes salvar, sem vós eu morro.

feixou

Scena 6

Ant. Jo^z. Marianna e Lucia

Ant. Jo^z

Toma, leva esta carta; mas de modo

que ninguém possa vir; com brevidade

Vai a casa do Conde de Ericeira

Entrega a elle mesmo. ... Lucia, escuta;

Se o creado impedir, não de fallar-me

Doze que vas d'aqui de minha parte;

Não vottes sem resposta.

Lucia (saindo)

Que mysterio!

Scena 7^a

Atto 1^o

Agora vamos ver quem de nós vence.
Maldita Inquisição, se te apoderbo.



Acto 2º

Cena V

A mesma decoracão do 1º acto. Marianna
em pé encostada a uma porta, por onde
mais tarde deve sair Anjo

Marianna



Elle dorme. Tão perto da desgraça!
Elle dorme, ma alma é innocente
Seu coração é puro. Si pobre Antonio
gora ao menos esta hora de desianço
Não te quero acordar; em paz repousa
Esa cabeça que o terror perturba.

Caminha para o meio da scena

Feliz quem dorme! o somno é o refugio
Do desgraçado; — mais feliz ainda
Si elle nunca acordasse... E quem, quem sabe
Si este somno depois de tanta angustia,
Este somno tranquillo em leito estranho

E' a imagem do somno sobre o tumulto?
Um precursor da morte? Deus! quem sabe
Si e' da vida este somno o derradeiro
Seu ultimo descance sobre a terra
E que acordando, em vez de ver a aurora,
Perca a paz, e caminhe p'ra marmorra!
Alguem escopa as trituradas de sangue,
Quando elle quer ferir? tudo e' inutil
Nem vale a protecção, nem a innocencia,
Nem o Pai de seu golpe está seguro.
Oh desgraçado Antonio! - Elle repousa!
E elle dorme tao perto da marmorra!

Caminhando para o oratorio

Oh Mãe do Redemptor, vela sobre elle,
Pedi por elle ao vosso Filho amado,
Sim, oh virgem de graça. (*ajoelha-se*)
- Eis-me prostrada,
A vosso pé, oh Mãe dos infelizes,
Tende de mim piedade; d'uma pobre
Creatura sem Pai, sem Mãe, sem filhos

Que se lembrem de mim, que me socorram.

Abraçei uma vida de amarguras

Mas fujo do peccado, amo a virtude.

E appareço no mundo das calumnias

Sem infâmia, sem crime, e tudo devo

No céo a vós, na terra a este homem

Sim vós sois minha Mãe, e elle tem sido

Sempre meu protector, meu Pai, e amigo

Não permitas, oh Virgem, qu'elle soffra

Qu'elle morra, e qu'eu fique desgraçada

(Surpresa da parte de dentro)

Que gemido, oh meu Deus! eu acordei-o, *levantou-se*

Sem duvida acordei-o... Talvez sonhe. *(surpresa de novo)*

Nem dormindo repousa o malfiado. *remontou p' a porta do quarto f' dentro*

Eutemos... parou... nada... é que dorme.

voltando p' a mesa do jantar, abria p' a oratório.

Lembra-te d'elle. *(Sempre os olhos, e abre uma janella jda p' a rua)*

— Como tanta luzia.

Que noite escura. O céo como esta negro!

Oh que noite de horror! nem uma estrela.

*(Soar to horas m' um sino da igreja. Mariaanna
onta em sa saizão as horas)*



Dea horas! como a rua está deserta!

E Lucia ainda não vem! Oh que martyrio. *(pausa e grito e vem p. a scena)*

Que afflicção para mim; quantos tormentos.

Demanhã como posso ir ao theatro?

Como desempenhar a minha parte?

Não posso deixar de ir, é necessario

Trabalhar toda a noite e todo o dia. *(Luzinha p. a scena)*

Ignor de Castro: que papel difficil. *(Luzinha p. a scena)*

Não preciso fingir, após magoada

Estou p'ra interpretar paixões alheias.

Vejamos, ensaiemos esta scena *(depois de se ver p. o repr. sentar)*

Amã aqui está; alli sobresattado

O coro me annuncia a minha morte,

Quo o Rei, e armada gente me persegue.

Entorno de mim choram; quãsi insana,

cheia de horror em vejos meus fillinhos,

Quero fugir, exclamo: — » Sontoso triste, *(Luzinha p. a scena)*

» Sontoso cruéis! por que tão verdadeiros

» Me quisestes sair? Oh spirito meu,

» Como não creste mais o mal tamanho

» Que crias, e sabias, Amã, foge,

Estes versos são da Castro de Ferreira, Acto 3º Cena 2ª

11
" Foge d'esta ira grande, que nos buscos,
" Não quero mais ajuda, venha a morte,
" Mova eu, mas innocente.

Scena 2^a

Marianna a Sr. ^{Ant. Jr.}

^{Ant. Jr.} entre furioso um vez. Mas que eu como posso ajudar
alguem

Morre, morre,

Eu me virgo de ti, monstro nefando!

Marianna

Que escuta, oh ceos que vejo!

^{Ant. Jr.}

Morre, morre.

Não poder escapar, não, ^{distando de um meio da scena}

Marianna

Que delirio! ^(vindo p^o elle)

Não sonhaes, acordai, Senhor Antonio!

^{Ant. Jr.}

Onde está? para que lado elle esconde-se?

Marianna

Não ha ninguém aqui, eu tão somente

E vós; estamos só.



An.^{to} J.^o

Então qu'è d'elle?

Marianna

Who è soubo.

An.^{to} J.^o

Quem è?

Marianna

- Soua Marianna.

Sou eu mesma, aqui estou a vosto lado.

An.^{to} J.^o (abracando-a)

Pobre Marianna! Sua secura ardente.

Marianna:

Quer agua? eu vou buscar / mi

Scena 3.^a

An.^{to} J.^o (sentando-se)

Que soubo horrivel!

Onde estou eu?... Em casa de Marianna...

Como estou (examinando seu vestuario) acordei sobre saltado...

Que suor frio, estou gelado, ... eu tremo...

Que peso sobre a fronte, ... que secura
Tenho à garganta ardente.

Scena 4

An^{to} Pa. Marianna

Marianna

Es aqui a agua

Beba d'uma só vez

An^{to} Pa. (depois de ter bebido)

Como é suave!

Quae praver

Marianna

Quer mais?

An^{to} Pa.

Basta, Marianna.

Meu copote?

Marianna

Aqui o tem.

An^{to} Pa.

Estou suando.

Marianna

Quer deitar-se?

An^{to} Pa.

Tho não; dormir não posso.



Quero antes pappear, pôde destruir-me,

O exercício convém-me. Dai-me o traço *(hesitante)*

Marianna (papeava de um lado para o outro)

Fui eu que o acordei co'as minhas vozes?

An. + fe

Não, Marianna, eu sonhava com serpente,

E não sei o que mais... Era uma moça.

Espera, que me lembra *(para todos os lados)*

Eu? sim, eu mesmo.

A via perseguida, por um homem

Todo coberto co' uma capa preta,

Que sobre uma fogueira a empurrava;

A moça, me chamava a seu socorro,

Gritava por meu nome: eu corro á ella,

Chego, vejo-a. - Quem cuidas qui' ella fosse?

Marianna

Quem?

An. + fe

Eras tu, Marianna!

Marianna (ab. boca)

oh Deus!

91
Tu mesma!

Marianne.

Será presentemente?

An. ^{te} f. e

Mal te vejo

Có'o pé ja na fogueira, até me arrojô,
Per um braço te arranco, ia salvar-te,
Quando preso me vejo, e rodeado

De multidão de frades, povo e tropa.

Era um ~~acto~~ de fé! O sancto officio!

Tu a meus pés estavas desmaiada,

Então sacudo o corpo, solto os braços,

Tiro a espada, e colerico envestindo

Contra a fogueira, espatho sobre a praça

E sobre a multidão tiro em accesor.

Tudo foge: o incendio ja lavrava.

Entre o fogo um só homem me resiste,

Um só homem! seus olhos sentillavam?

Não reflecto, có'a espada enfio as chamas,

Cego, có'o braço abrado, a elle corro



Frenéticos gritando; morre, morre,
Dum lado a outro atravessou o peito.
Tiro a espada, de novo ia ferir-o,
Logrou-se o ministro; ri-se, e não o vezo,
Pouco, em ~~meu~~, for cezo; e nisto acordo.

Marianna (depois de um momento de silêncio)

Este sonho quem sabe o que annuncia?

Martinho José

Causa nenhuma, o cerebro exaltado
Produce estas visões estravagantes.

Marianna

Os sonhos muitas vezes nos revelham
Dysgracias, que acordados não prevenim.

M. J. F.

Sim, ha casos.

Marianna

- Casos bem notaveis!

M. J. F. (pensando)

Ha dias arduos, em que o homem,
Em profunda tristeza mergulhado,
Se esqueceu de si mesmo, e se consentira

No mundo interior da consciencia,
Neste abysmo mais vasto do que o mundo,
Neste mysterio occulto indifinivel,
Nesta imagem de Deus em nós contida,
Que revela o passado, a alma e futuro.
Parece entao que o homem se envergonha
De tao pouco saber, de ter vivido
Sem saber o qui'elle e. Entao se eleva
Neste mundo ideal, não se contenta
Co'o mundo dos sentidos, quer ~~lançar-se~~
Além do espirito que seus olhos medem.
Quer prever, quer fallar co'o ser divino,
Quer saber o que é sonho, o que é a morte
O homem que nem sabe o que é a vida.
Affirma sem provar, sem saber negar.
Pra, a noite os mysterios apadriinha
Seu horror, seu silencio nos cercando
Como as negras paredes da masmorra
As creações da mente favorecem
Neste campo das phantasia
Que em largos vôos entao desdobra as asas



Mil mundos inviveis, vivtando.

Quem sabe se estas sombras fuy. thras
Como cometas que nos ceis deslizam
Que nós vemos de noite, e que nos fallam
São simulachros de inviveis seres?
Quem sabe si as visoes, si os nefros sonhos
Oractos são do vstimo sentido
Que o homem deve interpretar? Quem sabe?...
Inda hoje sonhei... ^{penetrande profundamente} Oh ja descubro

Mariamara (interrompendo)

O que, Senhor, o que?

^{em} ^{to} ^{pe} ^{de} ^{trabalho} ^{quando} ^{estava} ^{na} ^{mao} ^{de} ^{uma} ^{mulher}

Espera, espera.

Como me ia esquecendo;... sim foi hoje,
Foi esta noite, não; em não me engano
A Inquisição... eu fui denunciado.

E eu cuidava que tudo isto era sonho. ^{como tornando a si}

Como tentu meu Deus, esta cabeça
Como estava esquecido

Mariamara.

Melhor fora

113
Que tão seio a taes causas não penseis
Vossa imaginação é tão ardente
Que a tudo ague sedá não achou termo.

Ant.^o J.^o

Dias ha em que o homem está disposto
A pensar seriamente, e a crer em tudo.
Não sei, isto me afflige... Coque me occupa.
É saber si este sonho por que causa
Tu ias p'ra fogueira, estando eu livre
E como isto se explica.

Marianna

Oh Lucia! Lucia

Como tarda!

Ant.^o J.^o

É verdade, onde está Lucia?

Ainda não voltou?

Marianna

Tardar não pode,
Eu espero por ella a todo o instante.

Ant.^o J.^o

É provavel que o Conde tambem venha.



Marianna

Não sei o que minha alma presagia!
Si ella foi encontrada! Que desgraça
Aquella carta... Que maior denuncia.

Ant.^{to}

Oh a verdade! Que erro! que loucura.
Não ter previsto! condemnar-me eu mesmo!
Comprometer o Conde: e a Ti, Marianna,
Me, sim que me deste abajlo com cara.
Tambem que a seu pesar duvia confesse
Qui' eu aqui estou. Oh Deus, será possível
Qui' eu arraste commigo a tua queda,
Que à fogueira tambem commigo subas.
Tu... Lo meu sonho?... Oh sonho, eu ja te entendo

Marianna

O que importa, Senhor, si verifique
Este sonho terrivel,? perventura
Tem a vida pira mim tantos incantos
Qui' eu não saiba morrer com rosto firme?
Sabrei-vos. eis aqui o que desejo,
Morra eu si for mister... Mas vos...

Acto 2o

Marianna,

Não me enternecos nesta crise horrenda,
 De que nos servem lagrimas n'esta hora?
 Não se pode perder um só instante.
 Fugir, ou esperar que Lucia volte,
 Ou talvez affrontar o bando infame
 De meus perseguidores; sem ferir os,
 Mover, matando, defendendo a vida
 Decide tu, Marianna. (bater na porta)

Marianna

Senhor, batem

Anto 2o

Serão elles?

Marianna

Quem bate?

(Lucia da porta da fora)

Abra, Senhora.

Marianna

E Lucia, é Lucia / indo abrir a porta apressada



Ant^{to} Jo^o (vindo-se de contentamento)
esse para dentro dentro
Empim, estamos salvos.

Scena 5^a

Ant^{to} Jo^o Marianna, e Lucia (juntos em uma caixa)

Ant^{to} Jo^o

Vem, abraça-me, Lucia, o qu'ha de novo?
Que me trouxe aqui? o que te disse
o londe de Briceira?

Lucia

Aqui the trouxe.

Esta caixa, não sei o que vem dentro.

É a chave

Marianna

Vejamos

Ant^{to} Jo^o

E mais nada?

Lucia

Deo-me mais uma carta. (mostrando a caixa no bolso)

Ant^{to} Jo^o

É tu perdeste-a?

Lucia

Creio que não, mettia n'este bolso

Lila - An^{to} J. (arrebatando a carta)

Pois dá-me-la, nunca tens pressa.

O conde é meu amigo, ou tem contra

Alguem me dirigi ^{Conde} - « Bem caro amigo,

« En tanto a mera prompta a tua esposa

« Vem commigo cear, pronto que tarde

« Podemos vir sem medo: a ceia é fria

« Não te has de queimras. ^(reflexão sobre a ceia) - En bem o entendo:

Faz bem de me escrever d'esta maneira.

O que vem n'essa couza?

« Marrianna

Um vestuario

De creado do conde

An^{to} J. - Oh bella ideia!

Vai-te, Lucia, de ti não precisamos, ^{Lucia}

Lucia 6a

An^{to} J. e Marrianna

An^{to} J. começa a vestir-se de creado do conde.



Não tenho medo agora; estou zombando
Dos teus Familiares, que me encorajam
Com estes discursos me conheciam.

Não posso perder tempo; Adeo, Marianna.

Marianna (atrasam-se)

Adeo.

Ado
- Adeo!.. Tu podes lá ir ver-me;

Se eu te escrever; não tenho medo;

Não chores. Amanhã nós nos veremos.

Marianna (consistindo-se já porta)

Não sei meu coração porque está triste!

Parece que algum mal ainda sobrevinha.

(Batem na porta)

Batem! Tão tarde! *(param)*

Ado

Onde talvez seja,

Que me quise preparar esta surpresa.

Vou abrir; é o Conde certamente

*Quem irá abrir a porta, Marianna o atende segurando-lhe
o tempo.*

Senhor, o que fazeis? eu não consinto.

Consem não arriscar a vossa vida.

Esperai. *(batendo de novo)* Que temor que me nasce n'alma.

Bate-me o coração, cremo de medo!

Antigo

Que receias?

Marianna

Senhor, quereis ouvir-me?

Retirai-vos, por Deus, em quanto vejo

Quem é que bate.

In 4^{to} Acto

Bem, eu te obedeco *(retira-se)*

Scena III

Marianna vai abrir a porta, entra Fr. Gil

Marianna

Oh Deus! *(recuando cheia de espanto)*

Fr. G. *(fazendo uma grande reverencia e com ar m^{to} religioso)*

- Sou seu Ministro, e humilde servo.

E Deus esteja em vossa companhia.

De que temeis? Estais tão agastada?



Minha presença acaso horror inspira?

Marianna

Na graça do Senhor sejais bem vindo.

Fr. G

Amen.

Marianna

Pedeis emola p'ra algum Santo?

O que'd quereis de mim?

Fr. G

Oh nada, nada.

Uma obra pia a compaixão move-me.

To por amor de vós deixei o claustro

P'ra vos servir, salvar-vos. Mas eu vejo

Que me convem sair, eu vos molesto.

Marianna

A não Senhor, perdão, perdão vos peço.

Desobtejai meu receio mal-fundado.

Fr. G

Receio! uma Christã d'um sacerdote?

D'um Ministro de Deus? Algum peccado,

Algum crime vos punge a consciencia?

27
Tendes horror da Izogra?

Marianna

Oh por-piedade

Não me julgueis culpada, e roga bencção
Vos peço humilde. (curvando a cabeça)

Fr. 4

Filha, socegai-vos.

Ha muito que eu quisera procurar-vos,
Para vos evitar uma desgraça.

Marianna

Desgraça? (com vehemencia)

Fr. 4

Sim, e que desgraça horrivel
Tô eu sei o perigo a que me exponho
Vindo vos procurar para prevenis-vos.

Marianna

Como, Senhor, por mim tanta bondade!
Como de vofco amor me fiz credora?

Fr. 4

Diz-vos-ei devogar, o caso e' grave,
Evendo-me aqui só a vofco lado



Não peço ainda entrar em mim.

Marianna - Sentai-vos

Fr. (sentar-se)

E vós ficais de pé?.. tornai afrento

Marianna

Estou bem.

Fr. Então' ni' ergo (querendo levantar-se)

Marianna - Eu obedeco. (sentar-se)

Fr.

Deixai-me respirar. Ninguém nos ouve?

Marianna.

Ninguém.

Fr. Como dizia: um mal ingente

Vos ameaça ha muito. O sancto officio

Fem olhos sobre vós

Marianna. O sancto officio?

E por que? Inda mais este martyrio!

Fr.

Eu não sei a razão, nem saber quero.

Só desejo servir-vos, anesmo girando

Tudo quanto se dir seja a verdade.

Vós sois Comediante, ideis á scena
E esse mundo profano vos conhece
A vida que passais é desproposivel.
Merceis melhor sorte, eu conduido
Quero vos proteger, quero salvar-vos.
Sois alvo da calumnia, e mais não digo.
Vós me entendeis

Marianna. O que? estou suspensa.
O que devo eu fazer? que é meu crime?

Fr.

Já que vós o quereis a custo o digo
Um Antonio Jose, qui eu não conheço
Que talvez n'esta hora era que vos falto
Na Inquisição esteja por seus crimes

Marianna

Crimes! elle? Senhor, stais estudido

Fr.

Li o defendeis o. filha, estais perdida
Não toqueis em seu nome: ignore o mundo
Ignore a Inquisição que um amor cego
Um amor criminoso em vós existe



Marianna

Não amor criminoso. Puro, e sancto
É o amor que nos une, o céo o inspira.
N'uma alma nobre, indigna da baixez.
Uma alma como a minha; é a amizade
Mais forte que o amor. É isto um crime?

Fr.

Folgo de vos ouvir, mas vos declaro
Que o mundo com rascões não se embaraca
O mundo vos não cre

Marianna Eu o desprezo.

Por propria experiencia eu o conheço,
E a minha profissão abriu-me os olhos
Sobre o que é mundo, e sem temor vos digo
Que por meu protector darei a vida
Que não me salvarão para perdê-lo

Fr.

Vós deveis consultar vobso interesse.

Marianna

Mas primeiro o dever, e o céo me obriga

27
A seguir o dever

Fr. Pais bem seguir-o;

Com Antonio Jose ide a' fogueira,

Ide morrer no meio d'uma praça,

De povo apinhado, qui ha dous dias

No theatros vos dava mil applausos.

Ninguém vos chorará, Pobre Senhora,

Cu id devo chorar, e no meu claustro

Pesarei por vossa alma. (Entrando o outro como q^o aborrecido)

Marianna Oh scena horrivel!

Meu Antonio Jose!

Fr. O seu procepo

Comprometter vos deve; elle não pode

Esquecer, e nem vós, Jorem, Senhora

Si vós o não amais, si é amizade

Quem vos une, convem antes salvat-o

Do que morrer com elle inutilmente

Marianna

Salvat-o? e como?

Fr. Um protector zeloso

Tendes em mim, meu credito e dinheiro



Lena & a

Marianna, Tr

Antonia, hoje tremendo de colera
inven, teo repet. de Tr.

Ant^{to} Hippocrita, maldicão,

este se curava em
a loraça tremendo
de medo.

Nas minhas mãos estás, Troeme, malvado
Infame seductor, ... oh ja te curvas!
Onde está o poder que brasonavas?
Cuidavas estar só, e que pedias
Até salvo enganar com vão de cursos
Uma pobre mulher?



Tr. Oh por piedade.

Ant^{to} G^o

Piedade de ti, ... morre, malvado. (como querendo trufar
com as mãos)

Marianna (comendo p^a aia)

Senhor, qui' ides fazer; por Deo vos peço
Não vos esqueis

Tr: pedrás, não sou cubrado

Era pra' vosso bem qui' eu trabalhava

Ant^{to} G^o (com um riso divertido misturado
de desdignação.)

Para mal bem! Que infame hippocrita
Como espia a trahicão naquelles olhos!
Como a impudencia trema - the nos labios!

Não sei quem me retém? Que miseravel!
Láide meus olhos, não, não te na mas
já e já antes que eu de ti me vingue

Am. Tr. recuando como cabecoa bruxa

Scena 2ª

Am. Tr. e Marianna

Marianna

Que fizestes, Senhor? allucinado
As contices vos destes

Am. Tr. Segui-vos,

Elle não me conhece, e sobre tudo
com este vestuario. Não o ouviste,

Que até pensas que estou já na masmorra?

Marianna

Affim é; mas convem se cautelarem-vos.

Onde vos espera.

Am. Tr. Sim, eu parto.

Bem me custa deixarte.

Marianna - É necessário.

Am. Tr. Fabricaram-se

Adeu, Marianna,

37
Marionna. Adeos (refutando a minha)

Ant. 10^{ta} p^a.

Não vos veressos.
(saindo)

Marionna

Deos permita que sim

Ant. 10^{ta} p^a na parte

Adeos me entregue.





Acto 3.^o
Cena 1.^a

Vista de ella em casa do Conde de Ericeira, como mesem
no mesem sobre a qual estava's varias horas e papéis, entre elle
um livro meu p.^o um tabo dentro da qual estava a carta q.^a Am.^o
e.^a escreveu ao Conde
O Conde de Ericeira. (propaganda em table)

O que devo eu fazer? - Formo mil planos
Para salvá-lo, mas nenhum me agrada.
Talvez fosse melhor ir ao convento
Empenhar-me por elle, ou mesmo á casa
Do Grande Inquisidor... Mas d'outro lado
Pode muito bem ser q' elle saiba
Que eu o protejo, e que lhe dei asylo
Mas elle preza o persiga, e até me force
A responder por elle ao Sancto officio:
Pobre Antonio José! e sobre tudo
Tendo de Judaismo a sua culpa.
T'ello fugir quizesse, eu poderia
Alguns meios prestar-lhe, O mais prudente
É bem nos informar d'esta denuncia
Dar tempo a tudo, até q' elles se esqueçam.

Como elle está seguro em minha casa
Podemos reflectir com madureza

Seu nome não se esqueça, e appareça em todo.

Vê si Antonio José está dormindo
Si não, qu'eu o espero. (já se acordado) Em caso d'estes
Conveno prover a tempo as consequencias.
Eu não creio o negocio entregue á acaso,
Tem mil difficuldades certamente.

Mas nada é impossivel... oh!

Quando

O Conde, e Ant. J.

Ant. J.

Bons dias

O Conde

Acabei qu'hoje de leite não saízes

Ant. J.

No contrario, ha tempo que deixei-o
Não se pode dormir a sonno sotto
Quando se vê a espadada de Damocles
Pendente sobre a fronte.

O Conde - A phantasia

Creio que agora em ti mudou de cores.

Não gosto de te ver co'um ar tão triste,
Onde estão as mtyricas facesias
Com que outr'ora rembarcas deste mundo?



Es dos homens a fracos naturera!
Que mudanca foi eu d'hontem p'ra hoje.
Nem me conheço mais! Muda-se a sorte,
Muda-se o nosso genio; Eis como somos;
E a razão poucas vezes nos governa.
Si felizes, alegres nos mostramos,
Amamos o prazer, o jogo, o riso,
Adança, tudo enfim quanto transporta
O sentido na escala dos delictes;
Em meio das nossas alegrias
Do dia de amanhã nos esquecemos;
Enquanto nós folgamos, outros soffrem,
Ensuttamos a dor dos outros homens,
Nem nos lembramos que o prazer é sonho,
E que só a desgraça é realidade.
Mas de repente a scena se transforma;
Do seio do prazer surge o infortunio,

Esapparece a razão com ar sombrio
De tristes pensamentos rodeada;
Então das illusões o véo se rompe,
Vemos a nosos pés aberto o abysmo,
Que de flores cobria a felicidade;
Conhecemos então o que nós somos;
Nil perigo então se nos antolham;
Fugimos do prazer, odeando o mundo
E cõ a morte e a verdade deparamos!

Oh contrastes da vida! Oh dia! Oh noite!
Cruel alternativa! E sempre cego
Levar se deixa o homem pelo mundo.
Parece que a razão envergonhada
De nada ter servido nos prazeres
Nos deixa na desgraça.

Ohnde - A culpa é nossa,
Que da razão tão pouco nos servimos.

An. ¹⁸⁴⁴ 7. —

Nossa sim, mas não tanto; grande parte
Teem n'ella nosos Pais, e nosos mestres
Que são da nossa infancia responsaveis

34
Nunca a razão nos falta por seus labios
Sempre o terror, o medo, e o servilismo
Os erros que só o tempo recebemos
Tarde o nunca perdemos

Onde Meu Amigo

Se a philosophia neste caso
Da neza inferna os males curar pode.

Ante

Sim, a philosophia! onde está ella?
Temos promisso e vão... Quereis qui eu chore
Como Heraclito - sempre atrabilario
Aborrecendo os homens com quem vivo?
Ode qui eu como Democrito me ria
De tudo quanto vejo? - Per ventura
Nisto consiste a natureza humana?
Quereis qui eu seja estorico, como Deus
Que diga que não soffro, quando soffro?
Per ventura não somos nós sensiveis?
Quereis que de Epicuro as leis seguindo
So me entregue ao prazer, ou que imitando
A Crates, e a Diogenes, me cubra
Com roto manto, e viva desprezado,



Sem me importar co'as cousas d'este mundo.
Como o caô que padece pelos vãos?
Si en vou seguir de deocrates, o exemplo
Pugnar pola Parão, a morte é certa.
Quando toda a Nação está corrupta
Embebida no crime, e espinhada
Por homens viciosos, quem se afouta
Seguir a virtude muito soffre.
Para viver então é necessario
Que o homem se converta n'um malvado,
Que seja adulator, vil, intrigante,
Por ser aceito, e ter apento entre elles.

O Conde.

Tens razão no que dizes, não a nego.
Mas pensando melhor, e a sangue frio
Deves me conceder que a maior parte
Dos homens não reflectem seriamente
No que devem fazer, não é estranho
Qu'elles orem, proem n'os litteratos,
Nos que somos Poetas e Philosophos,
Que temos por dever servir de exemplos

Faz que Deus outorgou-nos o talento
Para ser virmos de guias a os mais homens
Não devemos obrar como elles obram.

Não podemos de cada seita antiga
Contrahir o melhor; nunca devemos
Arinar respectar nosos costumes,
Antes s'elles são máos salignisat-os;
Nem tambem atacal-os face á face
Que entao caimos no geral desprezo



Amor

Que queris a final? que o vate seja
Poeta corterao, que se mascare,
Que nunca diga as cousas claramente
Que combine a verdade co'a mentira,
Poeta que calcula quando escreve,
Que limas quanto diz para que não fira,
Que procura agradar a todo o mundo,
Que medroso, não quer comprometter-se
Que vá poetizar para os conventos.
O gosto do Poeta destemido,
Que dizem as verdades sem rebuço,

Que a Lyra não profanaram, nem se vendem.
Eles sim são Poetas. Quanto aos outros
São abjores das Muzas, mercadores
Que fazem monopolio da poesia.
Com que escravo adulam seus senhores.

Quando escrever meus Dramas, não consulte
Senão a Natureza, ou o meu genio
Si não faço melhor, é que não posso

Onde

Tu peccas por que queres; bem podias
Comprar melhores Dramas, regulares
Imitar Moliere; tantas vezes
Te dei este conselho.

tu refer

Eu o agradeço.

Moliere escrevia para Francezes
Para a corte do Grande Tur queitorre
Para um Rei que animava Artes e Lettras.
E eu para Portuguezes si' escrevo,
Os Genios das Nações são diferentes.

E de mais per ventura por meus Dramas
Sou eu denunciado ao Sancto officio?
Creio que não. Os frades bem se comportam

Que enfrica o povo rir. Tomaram elles,
 E todos os mandocens que nos governam,
 Que o povo só procure divertir-se,
 Que viva na ignorancia, e não indague
 Como vão os negocios, e que os deixem
 A seu salvo mandar como elles quizerem.
 Com tanto que os impostos pague o povo,
 Que ego, e mundo soffra, e obedeça
 Que viva sem pensar, elles consentem
 Que o povo se divirta.



Olhada. *New Antonio,*

Tu tens razão em parte; mas o povo
 É culpado tambem por que obedece.
 + Quem tem armas nas mãos por que se curva?
 O qui é Nacão? a somma de escriptores
 Estatistas, mercadores, e empregados,
 Gente do campo, Frades, e o governo.
 Todos querem ganhar a todo o custo
 Ninguém quer arriscar, d'isto resulta
 A total decadencia em que vivemos.

+ Quem tem a força em si, por que se curva?

Como vai Portugal! Que triste herança
Receberão de nós os nossos filhos!

Tantas lições sublimes de Heroísmo,
Tanto feito dos nossos bons Maiores,
Patriótico zelo, amor da glória

Não se aculho estragamos! Nada se resta
Que contraste terrível. Como um dia
Nossos annaes a historia relatando
Apparecer veremos! Com que opprobrio
Com que desprezo as gerações futuras
Dirão de nós, julgando nossos factos:

- Era de corrupção e decadencia!

E que fazemos nós? Apospor largos
Marchamos para a queda. E que não haja
Um braço forte, um braço de gigante
En'entre nós se levante, e nos sustente!

Como as Nações se elevam, se engrandecem
E como pouco a pouco se degradam!

Torna-se o povo escravo, os Reis Tyrannos.

Onde está Portugal? Nação que entre'ora

Do mar escriptos sustentava ufance

Emandava seu nome a estranha prozas.

A Hispanha que terror enpinha à Europa

Quando n'ella imperava Carlos Quinto

O qui é hoje depois qui'efe Tyranno

Sanguinario Philipe ergues se ao throno?

Essas Nações antigas, Grecia e Roma

Mais de tanto heroes, de tanto sabios

Porque se despenharam da grandera?

Porque a corrupçõ dos governantes

Mê aos cidadãos, tinha passado.

Nase de imo a corrupçõ dos povos.

Sim os Governos sã são os culpados

Da queda dos Imperios, muitos exemplos

São sempre pelo homens imitados.

Quando à testa do Estado se apresenta

Um homem sem moral, fulto de lozes

Que as honras Nacionais vende à lizonja,

Quem o cirula imita seus costumes,

Este por sua vez é imitado,

Tõ que de grão em grão, sempre descende.



A servidão ao povo contagiosa.

Tudo perdido está; só a vergonha,
E a miséria, e opprobrio então se espaa.

O Conde

Effim é, mas enquanto o povo dorme
O remedio é soffrer com paciencia.

Am. J.

O povo acordará

O Conde

Elle toca

Defender seus direitos. Mas em vez
Qu'elle se cala, e mostra estar contente,
Não se devem fiar. Como o camello
Sustenta o povo a carga enquanto pode,
E quando excede o peso ás suas forças,
Erge-se e marcha, e deixa a carga, e o dono.

O Conde

Pois que s'erga, e que marche se não o impio
Eu não sou d'esses Nobres ociosos
Que peçam sobre o povo, nem deuses
Que reine a tyrannia ou a ignorancia
Lutalho pela Patria e pela gloria,
Pois que seja Conde sou Poeta.

Sei que um bom escriptor vale mil condos
E erro de deixar uteis escriptos

Acto 1^o

Oh Senhor, por siq' sobre duas vezes,
Nobre pelas nequias, nobre no genio,
Sem fallar na Nobreza dos Palacios.

231

Scena 3^a

Onde se vey a sem Condos

Condos



Oalmoco está na meza

Oconde Oh é verdade

Vai almoçar

Oconde Eu si?

Oconde Pois que cuidavas?

Eu almoco mui cedo, não chamei-te
Agora, por cuidar que tanta dormias.

Acto 2^o

Entrão bem, até já.

Oconde Aqui te aguardo.

Scena 4^a

Oconde Si

E um homem de genio. Affim o Estado
Loubase aproveitar o seu talento.

Affim o genio governasse o mundo.

Ou entrás entre os Reis, e as clapes nobres.

Lo deviam nascer os grandes homens.

Senhora D.

O Conde e a Senhora

O Conde

Senhor Conde, aqui está uma Senhora

Que pede uma audiência

O Conde Da-lhe entrada. *(para dentro)*

Senhora D.

O Conde e Marianna

O Conde

Oh Senhora Marianna! é a Senhora!

Marianna *segue*

Son de vossa Excellencia humilde serva.

O Conde *(para dentro)*

Sentemo-nos p'ra qui. Que determina?

Marianna.

98
Esculpe-me o Senhor Conde, eu desejo
Saber noticias do infeliz Antonio.

O Conde

Comnigo está.

Marianna: E cre o senhor Conde
Qu'elle possa escapar?

O Conde Julgo provavel.

Fyzo de lhe faltar sobre este ponto
De modo qu'elle ainda nao contou-me
Como soube que foi denunciado.

Marianna

Fr. Eusebio qu'e muito seu amigo
Foi quem o prevenio hontem de noite

O Conde

Vou mandalo chamar, eu o conheço
*Deu a complainha e appareca o creado
e entretanto escreve um bilhetinho, e entrega o creado*

Vai aos Dominicanos, e procura
O Padre Eusebio; e entrega-lhe este escripto;

Que venha ja. Oh la, nao te demores *(folta p' a mesa da
junho, e senta-se)*

Nao sei ainda o que sera, eu penso

Qu'isto e' uma invencao de Frei Eusebio



Sem fundamento algum, qui'elle dispeffe
Tamente para vir, e ~~ta~~ fazer medo.

Posto que seja um Padre respeitavel
Incapaz de mentir, mas por galhofa
Como Antonio José é engenhoso
Talvez lhe esta pregasse

Marianna. O céo quireffe
Que o caso fosse a fim! Mas eu não creio.
Para mim sempre é certa uma má nova.

O Conde.
Eu penso d'outro geito, e mais me inclino
Acrer no que de vejo.

Marianna. O Senhor Conde
Podendo effectuar o seus desejos
Pode crer, mas não eu, pobre coitada,
Que d'insano trabalho me sustento.

O conde.
Todos nós trabalhamos mais ou menos.
Daga-me, hoje que Drama vai á scena

Marianna
A Castro de Ferreira.

O Conde E representa?

Marianna

Sim, Senhor;



O Conde La heide ir, ou que vel a
Nessa parte sublime, e tão difficil.
E do nosso Theatro o melhor Drama,
(Que tão meiguinho é elle) a obra prima
Do nosso bom Fervreiro, que até hoje
Não achou quem a palma lhe roubasse
Eu goto do Theatro, e tenho pena
Qu'este Antonio José não se elevasse
Ao genero sublime da Tragedia
ou da boa Comedia

Marianna Suas operas
Sempre são applaudidas pelo povo

O Conde
Quizera antes que fossem pelos sabios.
Quanto a mim um auctor trabalhar deve
Por amor de sua arte tão somente.
Mas Antonio José apesar d'isso
É um digno rival de Gil Vicente;

Sobre tudo é faceto, e só por isso
Hade sempre ser vida com agrado.

Vomos vê-lo; elle almoça. Dê-me o braço.

Vomos causar-lhe agora uma surpresa.
(Saem ambos)

Scena. 7.^a
Fulgilio o criado
o criado

Eu vou participar ao senhor conde
Que o Reverendo Padre aqui chegou.

Fr. Gilis

Pois sim; poder dizer-lhe que Frei Eusebio
Não estando no convento, era vir por elle

As ordens receber do senhor conde

(Saí o criado)

Scena. 8.^a

Fr. Gilis (se aproximando da mesa)

Que negocio será com tanta pressa?

Estimo bem ter vindo. Quantos livros!

*obrando para os livros, mas está sobre a mesa
deixa n'uma que está separada, e dentro do qual
estará a carta que Fr. Gilis trouxe ao conde para se
aproveitando que se achavam em serigo.*

Este é o qui' alle te, que está de parte.

Que estudor será? Vejamos... *abrindo a 1ª pagina* Não conheço.

Boi-le-au Des-pri-aux. — Que nome esturdio!
Creio qui' isto é Francês, si não é Grego.

Aqui está no que perde elle o seu tempo
E ja bastante leo! cá está marcado.

Abriando o livro pelo meio, onde estava a carta de Jorge.

Isto é nota talver, *(segunda na carta)*
— é uma carta. *(leu elle) "homem de bem"*

Oh! que cousa feliz! Como apanhei-o!
É de Antonio José. Eil-o assignado!

Estava elle aqui?... Si está! C'elle
Qui' hontem visitado estava de creado.

Vai de noite para lá!... Não de esperal-o.

Que livro! ... *foi já pôl-o sobre a meza*
(destacando por o livro no mesmo lugar)
No seu lugar... Aqui.. creio qui' é isto.

Stava mais d'este lado, assim virado.
O Conde o que estava fazendo agora?

(Chegou de p'a porta como p'a ouvir)

Muito bem... muito bem... ahí vem gente!

sem contar-se já por se, tira da algibeira o breveário e põe-se a ler

Não pecco contra a forma.



Scena 9^a

Fr. Gil e o Conde

O Conde. (Frigilino ^{à vista do Conde, a fazer}
^{uma grande reverencia})

O Padre Mestre

Queira me desculpar. Eu sinto muito
Tê-o feito cá vir inutilmente.
Desejava fallar com Frei Eusebio,
Sobre um particular.

Fr. Gilis. vossa excellencia

E' q' hade perdoar minha ousadia.
De o vir incommodar; mas foi por zelo.

O Conde

Sou grato ao Padre Mestre.

Fr. Gilis. Eu me retiro.

(fazendo uma
reverencia)

Scena 10^a

O Conde e Marianna. ^{As 4^{as} entram}
depois q' sai o Frade. ^{As 10^{as} chega a janelha}

O Conde

Como é zeloso! ou antes curioso!

Marianna, despedindo-se

Deo guarde ao senhor Conde, eu parto.

Olonde — viva.

Marianna dá' dous papos para se despedir
de Ant. J. que se volta repentinamente da
janella

Antonio J.

E' elle, e' elle! eu reconheço o monstro.

Olonde e Marianna apartada.

Quem? e correu correndo p' a janella

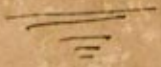
Ant. J.

Frei Gilio!

Marianna — E' elle!

Olonde — Felizmente

que se retira sem que fosseis vistos.



43
Acto 4^o

Scena 1^a

Vieta de Salda em casa de Marianna.

Lucia apertada, fiando perto da muralha

Subira a qual estava um caudal de sangue.

Enão me heide queixar com esta vida!
Toda a noite esperar, forte martyrio!
Aventura vai la p'ra seu theatro,
Lucia que figura a' espera, e guarda a casa!
A final já o somno vem chegando.
Ora pois já são horas, já é tarde,
Ja podia minha vida estar de volta.

Mas que grande segredo será este?
Não me querem dizer! esta cautella
Faz-me crer qu'isto é' caso extraordinario.
Aventura anda tão sobressaltada,
Não dorme, falla só, e se lamenta,
Nem conversa commigo como d'antes.
Eu denoufio muito. isto é' desgraça,
E desgraça bem grande! — oh certamente



Não é só o theatro que a molesta!
Eue veio hontem fazer aqui tão tarde
Senhor Antonio? e fora de costume
Tão gritador, tão serio, e ao mesmo tempo
Com ar tão abatido? E aquella carta
do Conde de Ericeira? E aquella farda
de creado? E a cautela! Aqui ha coisa
Eueira Deus, queira Deus a pobre Lucia
Nao se veja tambem compromettida!
(Batem na porta!)

Quem é lá? É minha ama certamente.
Levanta-se, e vai abrir a porta.

Scena 2^a

*Lucia Marianna entrando com ar muito apressado
e Tr Gil que a acompanha. Marianna fica
empunhando a mão na chave*

Marianna

Quereis Senhor, deixar-me?

Tr Gil Um só momento

Por quem vois esculair-me.

Marianna Eu ja vos disse

19
Que não vos posso ouvir.

F. Gil Por que motivo?

Que mal vos fiz? que sem-razão é esta?

Marianna

Retirai-vos, senhor, não vos conheço.

F. Gil

Ouvi-me, e s'os vereis menos severa.

Marianna

Quero me repousar; estou cansada;
Trabalhei toda a noite sobre a pena;
Encô m'è dado achar repouso em casa!

F. Gil.

Cem entao? toda a noite ao ar exposto,
Por vossa causa, fóra do Convento,
Aespera, pascando em vossa porta;
E vós me rejeitais tão cruelmente?

Marianna

Eu não vos chamei cá.

Gil. Si eu me retiro

por me irais procurar, estou certo d'isso.



Marianna

Pois quando eu procurar-vos, fallaremos.

Fr: Gil

Lutã talvez que seja inutilmente,
Que seja tarde, e o mal não tenha cura.
Uma vez dado o passo o mundo inteiro
Não poderá valer-vos. nem eu mesmo
Me abandonarei co' o voso inutil pranto.

Marianna

Que ides fazer, Senhor: ? (com vehemencia)

Fr: Gil Oh! nada... nada...
(com ironia)

Marianna

Mas vós me ameaçais! Que mal hei feito?
Não basta já meu credito em perigo?
Quem vos tem visto entrar aqui tão tarde
Que hade de mim suppor?

Fr: Gil

Pois é mudar-vos.

Hontem eu officiei-vos uma casa,
Choze reetero a minha offerta.

Aqui quereis fiar, fiai, sei livre
Tambem não vos obrigo; mas lembrai-vos
Que a vossa decisão é a sentença
Que se hade executar em d'ummo v'osso:
E t'aver de alguém mais...



Lucia (apresentada) Que! isso é muito!
De alguém mais? Pois tambem eu entro n'isso

F. Gil

Quem te chamou aqui? vai te p'ra dentro.
Manda' qui esta crenda se retire. *(p'ra Marianna)*

Marianna

Não ha necessidade; é minha amiga.
Lucia, deixa-te estar.

Lucia Daqui não saio. *(ponto de junção de Marianna)*

A menos que minha ama não me ordene.

F. Gil

Tenho que vos fallar muito em segredo.

(p'ra Marianna) *(p'ra não se ouvir de Lucia)*

Eu não tenho segredo p'ra com ella.

Lucia (p'ra não se ouvir de Marianna)

Que coração de Froude! O que quer elle?

Fr. Gib. (para Lucia)

Que te emporta o qui'eu quero? vai-te embora.

Si não saes ja d'agora eu te prometto
Que accusada serás do mesmo crime.

Lucia.

Que dir elle, Senhora,? eu criminosa?

Marianna.

Meu Deus!... meu Deus!..

Fr. Gib. Eutáo! queres ouvir-me?
(para Lucia)

Marianna.

Mas Senhor. vos não vedes a distancia

D'uma mulher a um Religioso?

Que sinistra teneção nutre n'essa alma?

Fr. Gib.

Não ha mulher, nem ha Religioso

Nem sinistra teneção; eu ja vos disse

Que vos quero fallar sem testemunha

Não quero ex por-me aos ditos de criadas

É segredo, repito; — e o tempo passa.

Marianna

Valei-me de Ceor... vai, Lucia, vai pra dentro
(Si me ouvires, gritar vem soccorrer-me.) aparte

Lucia se retira, bemsendase, e cobrando a ra trada
Fr. Gil da algumas papeo senquendo a sempre com o sth
atiguo, ella entre; Marianna sobre calçada, fica
immovel. Cena 3.^a

Fr. Gil (com pouco distante)

Escutai-me fendoando com a mão a meia da terra)

Marianna Eu vos ouço. ficando no mesmo lugar)

Fr. Gil. - Ao menos hoje

Creio que estamos sós! (com ar de exprobração)

Marianna Como estou sempre.

Fr. Gil.

Não tanto apim; não tanto;... brontem de noite
Tinheis um Cavalleiro ás vossa, ordens!...
Eu touvo a vossa escolha. e elle a merece;
Um pra o outro vos fez a Maturoza, (ironia)

Marianna

Senhor, que suspeitais?

Fr. Gil. - Coma nenhuma!... (ironia)

Que posso eu suspeitar d'uma Senhora.



Tão cheia de virtudes tão severa,
Que treme à minha vista, e nem se atreve
A levantar a fronte, e a olhar-me em face?
Mas que sabe salvar as apparencias
Manejaos recebendo em sua casa
Com vestes de credo de farçadores!

Marianna

Vós me calumniáis.

Fr. Gil Oh que calumnia! *(ironia)*

Foi sonho o que aqui vi; oh sim foi sonho

Marianna

Éo conheceis? sabeis que homem é esse?
Que assim me ousa fazer corar as faces?

Fr. Gil

Oh não coreis! não é' p'ra tanto o caso!

Não o conheceis, não; mas attendendo
A toda alta virtude, e honestidade,

Deve ser vosso irmão, ou vosso primo. *primo*

Não é' assim, Senhor? — Eu deovinho!

Marianna

É tudo quanto tendes p'ra dizer-me?

Fo Gil

Inda me resta intacto o meu segredo.

Marianne



Tois acabou.

Fo Gil Não tenho muita pressa.

Marianne

Tenho eu; que não devo dar-vos conta
Do que faço.

Fo Gil Eu vou já dizer-lhe tudo.

Mas digei-me primeiro, s'c' possível,
Como se chama aquelle moço de hontem,
Que me ouso insultar em vossa casa,
O braço levantar, e até ferir-me?
Sabeis qual é seu crime? - Non sacrilegio!
Não tem perdão seu crime... Contra um membro
Do Sancto Tribunal erguer o braço!!!
E isto com testemunhas, vós bem vistas,
Tois cumplice tambem do mesmo crime.

Marianne

E vós, Senhor, aqui por que viestes?
Que tinheis que fazer em minha casa?

Quem aqui vos conhece? quem chama-vos

Frigil.

Não é esta a questão... Dizci, seu nome?

Marianna.

Não sei.

Frigil. Que! não sabeis! ora esta é boa!

Pois recubeis em casa tanta gente

Que o nome não sabeis? nem um ao menos?

E então me perguntais por que motivo

Euousei aqui vir? Como se fosse

Necessário que vós me conhecesseis,

Para qui eu me atrevesse a visitar-vos.

Marianna.

Vós me insultais, Senhor! A minha vida

Sem vósdoa, não merece tais insultos.

Ninguém ha que se atrevesse a insultar-me.

Só vós, só vós, Senhor, sois o primeiro. *(com indignação)*

Frigil.

Ah! sou eu o primeiro! eu não sabia! *(riso)*

Pois para a Deos qui eu seja o derradeiro!

Mas deixemo-nos disso. Dai-me o nome

48
Deu vos pedi

Marianna Não sei (sem justificação)

Fo' g'it Toimais inutil,

Dai-me o nome.

Marianna Não sei; e se ja vos disse,
E repito outra vez, não sei seu nome. *reemenda*

Fo' g'it

M' queréis me oulttar, o Sancto officio
Hade vos obrigar a confessar o:

Então vós fallareis d'outra maneira.

Com nenos allianças, com traiz branduras.

Eu vos quero la ver com esse orgulho
Presponder; eu não sei, e tentuo dito.

Guardemo-nos p'ra lá...

Marianna O Sancto officio

Podera' contra mim armar seu braço,

Podera' empregar o ferro e o fogo

A tortura, e os mais barbaros martyrios;

Mas não me hade forçar a ser traidora.

Mais facil lhe sera' tirar-me a vida

Que arrancar um sigredo de minha alma.



Fo Gil

Oh! Oh! Tanto valor me causa riso!

Marianna (com despezo e indignação)

E eu creio, sim; co' uma alma como a vossa!

Fo Gil (fortemente)

Que dizeis? Ah quereis brigar conmigo!

Ah não foreis murther! que n'este instante...

Marianna

N'este instante estareis de joelhos,

Pedindo-me perdão, si eu fosse um homem.

Cobarde!

Fo Gil Tanto orgulho ja me irrita!

Eu quero, murther louca, eu quero ver-vos
No sancto Tribunal com esse orgulho.

Marianna

Vós não me conheceis, eu vos desculpo;

Sou louca, sou murther fraca, sem armas

Mas quando uma murther teima e resiste,

Quando a virtude lhe vigora o peito,

Forças lhe dá o Céu, nada ha que a vença.

Pela ultima vez, Senhor, vos digo,

Poddes me ir accusar ao tanto officio,
 Ide ja, ide ja: - em agui fiao;
 Os si quereis levar-me, eia partamos.
 Ao Grande Inquisidor direi sem medo
 O que vos disse ja; não sei seu nome.
 Poderão me arrancar a propria lingua,
 Cortar-me os labios, e atalhar-me o peito;
 Mas não desmentirei minha constancia.
 Deos me venha gemer; em Deos confio
 Que nessa occasião me dará forças
 Para soffrer a prova do martyrio,
 Sem arrastar a morte um innocente,
 Pra comprar com seu sangue a minha vida.



Fig. 1

Um innocente! - E vós cuidais salvá-lo?
 Cuidais quem nada sei! que e'tou dormindo?
 Que não sei quem e'elle? que preciso
 Que vós o accusais! - O qui eu queria
 Era vos humilhar, era vingar-me.
 Agora vingado estou, mulher saborda!
 Era Antonio José quem aqui estava.

Marianna (peba de repente e perturbada)

Elle?...

Fugil. Antonio Jose, sim, elle mesmo!
Ah! cuidaveis entao que eu nao sabia?

Sim e esse judeo refugiado
No Palacio do Conde de Ericcirou,
Que cuida que ninguem mais o conhece.
Porque anda cda libré d'este Fidalgo.
Nao, nao hade escapar, eu vos prometo,
O judeo hoje mesmo hade ser preso.

Marianna (ouve este discurso na maior agitacao tremula e correu sem se detetar em de joelhos ao pé do Conde soluçando, depois de dizer o Povo se queira? com as duas mãos e um braço de 50 yd' este a abasta de si marchando q' os outros lados da scena mas Marianna sem o largar e levada de rastos

Basta, Basta, Tenho, Estou vingado.
Por Deo, por Deo; deixai o desgraçado
Sem vingai-vos de mim; tudo mereca.
Mas que mal vos fez elle?

Frigol Elle é a causa

Da maneira por que me haveis tratado.

Marianna

Não, Senhor; não é elle; o céo me esculpa.

Pardai, pardai minha ensadia.

Frigol

Já me pedis perdão?

Marianna Tudo por elle.

Nada quero por mim senão a morte,
Si vós mi'a quereis dar.

Frigol Por elle nada,

Por vós tudo faria si quizesseis
Mas vós não o quereis, sois orgulhosa

Marianna

Orgulhosa, Senhor? e eu estou prostrada
Pedindo a vossos pés! Si fui soberba
Hoje me vejo bastante arrependida.

Frigol (transportada de alegria)

Marianna, arrependida! — Oh levantai-vos

Frigol (levantando Marianna a levantar-se, e tanta que
ella se levanta elle, com um braço segurando o outro dos de elle;
com a outra mão sobre o braço como alívio a elle)

Levantai-vos Marianna, vinde, vinde.

Estás arrependida! — Oh que alegria
Me banca o coração! Minha alma voa.
Nem posso sustentar-me. Oh si soube se
Que prazer me causais neste momento!
Eu tudo vos perdôa; e me arrependo
De vos haver tratado com dureza.

Perdoei-me também, vós perdoeis-me?

(Como ajoelhando-se, mas não de todo)
Não é assim? dizrei. De vossos lábios

Quero ouvir meu perdão; e fad voz doce.

Que me fez palpitante de amor o peito.

Vinde, cara Marianna, eu vos adoro.

Abraçai-me. *quis abraçá-la. Marianna o empurrou,
marchando para o altar, todo cheio de horror, tendo
ouvido todo o discurso de Fonda, imovel e estupefacto.*
Marianna Que horror, monstro, deixai-me

Fr. Gil fendo para ella

Marianna, que fazeis! por piedade

*Marianna corre de novo furiosa para o lado onde está
o oratório, sobe sobre o banguinho que está no pé da
comuna da (o que serve para as joelhos) pousa a cabeça
sobre o oratório fendo o altar; brava estendida; Fr Gil
a seguiu pelo braço, puzendo-se*

Marianna

64

Meu Deus, Meu Deus, Livra-me d'este monstro

Fogel dando um grande pulso e correndo sobre a suna e caí de joelhos

Quero zombar comniga, mulher perfida!

Marianna

Ai!!!

Lucinda

o mesmo e Lucia que corre e se abeira para segurar a Marianna que está caí de joelhos, e cai para trás sobre os braços de Lucia

Lucia saltando para o Trude que está tremendo de espanto

— Em nome de Deus eu te conjuro

Se és o demorio com figura humana.

Fogel, chegue para Marianna que está nos braços de Lucia e não se vá sem transporta de desajustado

Fogel

Oh que fado é o meu! tudo me odeia.

Toda esta scena deve se passar com muita lentidão
Marianna e Lucia

Lucia

Meu Deus, qu'heide fazer? si ella aqui morre!



O Senhor Marianna! Elle não falla!...
Como está fria!... As mãos estão geladas!...
Que suor... Como está tão desmaiada!...
Palpita o coração! Ah não está morta...
E eu tozinhoe;... como hei de socorrê-la?
Pra deixá-la, e ir buscar algum remedio...
Não... já sei, eu vou pô-la sobre a cama

Levanta-se com Marianna nos braços, sentando-se
e a vai levando mto devagar, indo ella de costas, de
modo que Marianna que vai com os pés arreastados
do fígado de frente, tendo dado alguns passos,
Marianna firma os pés levantando um braço
como acordando do desmaio; com este movimento
Lucia cessa de andar, tendo a sempre nos braços
este que Marianna lentamente torne a si,
e leva ambas as mãos sobre os olhos, como
para não ver a luz que lhe faz mal.

Marianna

Que clarão repentino!... Ah que fraguera
botteia-me a cabeça... a casa... Lucia...

Lucia

Senhora, eu aqui estou. (Levanta-se em Marianna
e lá com ella alguns papos para diante)

— Dê-me a cadeira...

Que afflicção! (sentando-se, havia ficado de um lado e reclinava um braço sobre as costas da cadeira, de modo que Marianna tenha a cabeça sobre o braço della.)

Lucia

— O que tem, minha Senhora?

Marianna pondo uma mão na testa

Ai de mim! a cabeça se despedaça.

E os cabellos me espinham, ... Ai! que é isto?

Dizendo ai dá um forte tremor, como um arrepiamento geral levantando os braços convulsivamente)

Ea toda me arreio! Oh! levantandose repentinamente

Lucia

— Senhoras!



O que é? o que tens? Marianna horrorizada, olha fixamente, como vendo alguma coisa, e se levanta com a cabeça com o braço estendido, e se trancando como quem quer fallar e não pôde, deitou de ficar por algum tempo neste perigo, grito com voz rouca e tremula

Marianna

— Tomba horrivel!

Fugi; deixai-me em paz;... deixai-me, Oh Sombra
(empurrando com os braços e recuando como se alguém
a quizesse segurar.)

Não mais; não mais; deixai-me. Oh Deus, salvai-me
(come, e vai se pôr de joelhos diante do oratório.)

Lucia, (levantando as mãos para o céu)
Noite de horror!.. Oh Deus que tentos visto!

Marianna

Deixai-me aqui, miseranda; eis-me prostrada
A vossos pés, Senhor! Compadeci-vos
D'uma fraca mulher? Não me faltham
Forças p'ra resistir a um mal tão grande.
É certa a minha morte... Mas ao menos
Quero morrer, Senhor, na vossa graça.

Scena 6.^a

Marianna Lucia, e An^{to} J.^o

Lucia, (com transporte)

Vinde, vinde...

Marianna - Quem é'?

An^{to} J.^o - Sou eu, Marianna.

Marianna (correndo para elle)

Vós!... Antonio José! o que fizestes?
Senhor, o que fizestes! — que tormento!
Vindes buscar a morte n'esta casa?

Antonio José

Como a fim, que trahido aqui me aguardas?
Quem é? dize, onde está? Faltta, e Marianna,

Marianna

M. Senhor, nem valor tenho para isso
Tão perto vejo o meu, e o vossos danarão.

Antonio José

O que ha de novo então?

Marianna Tudo se sabe.

Er Gib...

Antonio José Que! Inda ha promessas eu encontrarei-o,

Mas não me conheceo.

Marianna Daqui saia. (bravo e fúria)
 (a fim de fugir e a fim de se salvar)

Acreditai, Senhor tudo elle sabe;
Como andais, e onde estais; talvez vos viveis,
E fingisse que não vos conhecia,
Para melhor executar seu plano.



Elle aqui estere, aqui este malvado
Ousou... nem dizer popo.

An. to J. e Eu já percebo.

Qual é sua intenção, enfim, Marianna
Convenho tudo dizer-te. Nestes dias
Vai do Porto sem navio para a Holanda
Nelle toma passagem; la seguro
Popo acabar os restos de meus dias,
Tenho cartas para Thyra. o mesmo donde
Foi quem tudo despoz. Eu fui a casa
Aproveitando a noite; e vim dizer-te
O derradeiro adeoz... Porém, Marianna,
Eu não popo deixar-te, só, exposta
Avingança cruel do sancto officio.
Tenho pensado bem: eu só não parto
Nem commigo.

Marianna Senhor como é possível?
Que vou eu la fazer, em terra estranha?

An. to J. e

Ou ambos escapar ou morrer ambos
outro meio não ha!

Lucia E eu, Senhora?

54

O que hade ser de mim? Ninguem se lembra
Da malfadada Lucia. (chorando)

Marianna (apertando a mão de Lucia)

Estamos junctas.

An. 7.º

Então nada responder? Não decides

Marianna.

Salvai-vos, vós, Senhor; deixai que eu morra.

Não, não parto sem ti. Minha Marianna,
Vamos junctos viver. Em qualquer parte
Onde a sorte levar-nos, eu prometto
De nunca te deixar; e si a amizade
Hoje ligou-nos, si a desgraça
Nos aperta este laço, inseparáveis
Devemos sempre ser; sim viviremos
Um para o outro, sim, tu serás minha
Tu serás minha esposa, o céu me escuta
Cis aqui minha mãe. (segura a mão de Maria)

Marianna

Eu sou a esposa!

Oh Senhor!..



Acto 2o

— Tomo Deus por testemunha

Juro morrer por ti, ser tua Esposa.

Sim, abraça-me, vêr cara Marianna...

*Abraça-se com transestado, depois
afastando-se um pouco, abraça-se de novo.
Lucia limpa os olhos, chorando de felicidade.*

Só pode agora a morte separar-nos.

Estando ainda abraçados, ouve-se um grande
trepal.

Marianna

Que rumor!...

Mãe — Que será?

Lucia correndo p^a Marianna (Fugi.)

Lucia 7a

Entram repentinamente os Familiares do Sancto
Officio, Soldados e Fr Gil, gritando

Todo

Da parte

Do Sancto Tribunal.

Imquanto dizem isto se apoderam de Antonio
Fonseca que corre para Marianna como para
abrilha, mas que elles o impedem, estanto
Fr Gil se apresenta diante de Marianna, que
conversa e horrorizada mal ouve, e ouve aquelles

palavras grita

Marianna Ai!... e com per

terra morta. Lucia se ajoelha ao pé do
cadáver, cobrindo-o com as mãos os olhos debru-
ça-se sobre elle. Antônia fozse seguro
pelo braço sobre os joelhos, lançando o cor-
po e a cabeça para diante, com os olhos
fixos como para certificar-se do estado
de Marianna, diz com voz lacrimosa.

Ant. ope. ella está morta!..

Firmando-se repentinamente fazendo
um forte movimento com todo o corpo
grita com voz forte

Que eu não possa vingar a sua morte!

Aqui os Familiares o puzam a o Corcuro de ros-
tos. Fogeit desde que marianna cai fica
como entorpecido com os olhos fixos no cés, e
ampendido, e apim se termina o Acto.



Acto 3

Vista de carcere: do Sancto officio, uma esca-
da no fundo. Antonio Jose deitado no chão
sobre pathas preso por uma corrente ás pilastras
que no meio da scena sustentam a abobada da
do carcere um candieiro aceso e um pote de
água.



Scena 1^a

Antonio Jose, fazendo um esforço
para levantar a cabeça, olha para todos os
lados, e firmando o collo sobre no chão que lhe
serve de travesseiro para a cabeça no chão,
e com voz debil começa a fallar.

É dia, ou noite?... o sol talvez já brilha
Fora d'esta masmorra... A natureza
Talvez cheia de vida e de alegria
O hymno da manhã entoa agora!
Mas para mim acabou-se o mundo, e o dia...
Sim para o mundo morri... Minha existencia
Já não conto por dias, sim por dores!

Nesta perpetua noite sepultado
É meu unico sol esta candeia
Pallida e triste como a luz dos mortos
Diante de meus olhos sempre accesa
Para tingir de horror este sepulcro.
Seu vapor pestilento respirando
Vêjo correr meus ultimos instantes,
Como este fumo negro, qu'ella esphala
E em confusos novellos se evapora.
Pira mim enriquece-se a voz humana!
Só perturba o silencio d'este carcere
O ferrotho, que corre, e a dura porta,
Que em horas dadas, se abre, pira feixar-se.
Por musicas continua esta cordalhe,
Que retine, e chocalha em meus ouvidos,
E de negros vergoens me crava o corpo...
Si eu pudepe dormir! — um sonno ao menos
Livre destas cadeias! — porrem como,
Tendo por cabeceira um duro cepo,
Este chão frio e humido por leito,
E prathas por lençol! — E por que causa
Por uma opiniao, por uma ideia

Que meu Pai recebeu de seus maiores,
E transmitto ao filho! — E sou culpado! —
É possível que os homens tão máos sejam
Que como um fero tigre offim me tratem
Por uma idlha occulta de minha alma?
Porque em vez de seguir a lei do Christo,
Figo a lei de Moisés!... Mas quando, quando
Esse Deo-homem, morto no Calvario,
Pregou no mundo leis de fogo e sangue?
Quando na cruz suspenso deo aos homens
O poder de vingar a sua morte?
Que direitos tem elle, que justiça,
Mesmo por sua lei, de perseguir-nos?...
Oh que infamia! Offim é qui' elle, entendem
Do seu Legislador os mandamentos!...
Leis d'amor, convertidas em leis de odio!
Esses elle, Christaos!... E apim manchando
O Nome de seu Deo, osam mostrar-se
A face do Universo revestidos
Com sagrados emignios, profanando
Os Templos, que deviam esmagar-os!



Exe anunciamos de Deos Sanctos Ministros!

Oh céos, qua horror! que atroa hypocrisia!

Dyros de um momento de poeira, esforcam-
dosse para guardar de poeira; temem as cade-
ias; e fiza apsiado sobre o braço com a mão
na chais, e com a outra levantada e segurado
na cadeia, que o prende de palastro, e diz:

Hi... ja não posso... Dá-me o corpo todo.

Como tenho este braço. *(tomando uma larga respiração)*

- O ar me falta...

Creio que morrerei nesta marmorra

De fraguera e tormento... O meu cadaver

Será queimado, e em cinzas reduzido!

Oh que irrisão!... Quando vis são esses homens!

Como abutres os mortos de pedacam

Pra saciar seu odio, quando a vida

De suas tristes victimas se escapou!

com indignação

Não, eu não fugirei a vossa raiva

Não mancharei meus dias de madeiros

Arancando-me a vida; não, malvados

Apar tenho valor para insultar vos

De cima da fogueira. A minha morte

Quero que sobre vós toda recôidia.

Um momento de pausa; encareta-se, abrisa
a cabeça como a trovão em alguns pensamentos
e sacudindo a dor com voz baixa e compassada.

Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte...

Porto de salvamento... ou de naufragio!...

E a vida?... um sonho n'um baixel sem leme...

Longos entremeados d'outros sonhos...

Prazer que em dor começa e em dor acaba.

O que foi minha vida, e o que é agora

Uma marmorra iluminada apenas,

Onde tudo se vê confusamente,

Onde a escarpa da luz o honor augmenta,

E interrompe o recondito mysterio.

Eis aqui é vida... Mal que a luz se extingue

O honor e a confusão desaparecem,

O Palacio e a marmorra se confundem,

Completa-se o mysterio... Eis aqui é morte.

E minha alma?... eja em mim existe agora

Como eu nesta marmorra esfarecida

Vai se a vida, e minha alma será livre.

De Deus receberá novos destinos,

ou irá reponhar na eternidade.

Ouve-se o ruído do ferro que corre nas por-
tas f'óra no alto da escada; Antonio Jorge



experimenta uma commoção repentina devida
naturalmente ao rumor inesperado, e dizendo
Oh meu Deus! quem será? estou tão fraco
que o menor movimento me apavora!

Tão deliquiescente para os olhos vem, entre-
tante Fogel com um sapinheiro que lhe cobre
a cabeça e os braços e lhe coíe em ponta sobre
o peito e apenas com dois buracos de arde, dos
olhos, apparece no alto da esquadra, com um archote
de na mão, e lentamente desce, chegando ad
sena crava o archote no chão, e ajoelha^{se} hu
milmente levantando as mãos para o ceo. An
to com othos sobre elle a contemplar chis de
parruc

Scena 2^a

Ant^o 1^o Fogel

Fogel

Senhor, o vosso servo humilde implora
vossa protecção. Eis o momento
que de mais caridade necessito
E valor para domar o meu orgulho,
E completar a minha penitencia.
Que seja esta marmorra o meu refugio
Onde hum anas paixos em entrar não ocesem

598
Onde eu só pela dor Christã guiado
Dos meus crimes passados me recorde.
Soffra todo o tormento dos remorsos,
E no excesso da dor me purifique.
Senhor, Senhor, ouvi ardentes preces,
Qu'hoje minha alma esbata arrependida

Lexiconia 10.

Antonio Jose Ferraz de Azevedo

O lugar é propicio á penitencia.
De certo que melhor não acharieis.

Dr. Gill

Propicio é o lugar, sim; mas as vezes
O coração humano é tão rebelde
Tão pegado de vícios que resiste
A voz terrível da verdade eterna
Que tão alto resoa na masmorra
No retiro do Claustro, com lorna grutas.

Dr. J. P.

Apaixão mais insana, a mais feroza
Quebra-se ante o rochedo da vontade.
Basta um desejo ardente e esclarecido
Para domar o peito: e uma Fé pura



Porque Deus nos perdõe.

Fr. Gil

Afim o creio.

Convindo vos fallar desta maneira
Culto de prazer, sim Deus perdõa
Mas os homens acaso nos perdoam
As offensas, os males que fazemos?

Sto. Jo.

E que importa que os homens não perdoem?
Triante do Senhor os homens todos
São réos, e como réos serão julgados.
E nenhum poderá julgar ao outro.
Si aquelle que só lê no livro occulto
Da nossa consciencia nos absolve
Quem terá o poder de criminalar nos?

Fr. Gil

Porque não sois Christãos? se a luz de Christo
Tiveis esclarecido a vossa creença
Mais humanos discursos verteis.
Os juizos de Deus são infalveis
Mas Deus julga no céu, na terra os homens

801

Es Christo de Pentecostes na Cruz morrendo
Perdoou, p'ra que os homens perdoassem
Nós pedimos a Deus que nos perdoe
Como nós perdoamos; si elle outorga
As graças que diurnos lhe pedimos
E p'ra que os homens, seus amados filhos,
Vivam na Terra em paz, em harmonia
Eas fraquezas de proximos desculpem.

Divina unção requira este discurso
Mas Padre, vossa manto me revela
Que vossa ordem profana a lei de Christo.
Vosso clero de sangue está manchado,
Nora n'elle a trahiçãõ, o odio, a vingança
D'elle fugia a Fé, e a piedade.
Tãe pregar no vosso mesmo clero
As virtudes Christãs. Si sois culpado
Si arrependido estaes dos vossos crimes,
Será esta uma boa penitencia.

Voi o ouros, oh meu Deus! tudo mereço



An. 4.ª p.ª

Si desejais ser-me intal n'este instante
Dai-me a mão, ajudai a levantar-me

*Injusto... eu dá a mão a esta p.ª... levanta-se e fican
no apuro... não p.ª... algum tempo sobre o ombro
de... de... de...*

Ai... eu vos agradeço... ja me custa
o pleo supportar d'esta cadeia.
Muito tempo soffrido.

Frijol Brevemente

Preobracéis a vossa liberdade...

An. 4.ª (interrompendo vivamente)

Que dizis, liberdade! Não, não creio
Nem sochando a esperança me consola.
Faqueiro liberdade; ah se eu podesse
Lançar-me inda em teus braços, ver de novo
O Mundo que eu perdi, e como a Phinix
Renascida das suas proprias cinzas
Cantar minha victoria, e ver em sonhos
A marmorra, como hoje vejo o mundo...
Mas que digo? Que tanto eu que ver n'elle?
Oh Marianna!... onde estás? tu me deixaste.

6A
E uma lagrima ao menos não me é dado
Desmanchar sobre tua sepultura...

Não irei perturbar as tuas cinzas,

Có'o meus tristes gemidos... Não Marianna,
Não ficarás mais tempo sobre a terra;
Eu te irei ver, ah goza a paz eterna;
Goza, qui' eu me preparo para viagem...

F. G. L.
A morte desejaes?

M. J. P. Ah venha a morte
É só o bem que espero.

F. G. L. Mas vossa alma
Não deseja outro bem?

M. J. P. — A Eternidade!

F. G. L.
Enão temeis o tribunal Eterno?

M. J. P.
Deus é grande! e minha ^{alma} sou do mundo
Após martirizada pelos homens.
Em nome de Deus qui' eu soffro a morte;
E ainda não manchei o sacrificio

Contra seu Sancto Nome blasfemando.
C'o título de Judes, com que me infamam
Fica minha memoria recordada.

A minha geração era proscripta
Sobre os pontos da Terra, e aonde eu de
Achar occulto asylo onde reposesse
Encontra a maldicção dos outros homens.

O Deus a quem meus Pais sempre adoravam
É o Deus qu' eu adora, e por quem morro.
Elle me hade julgar.

Forget E Jesus Christo?

cont'
É sancta a sua Lei. apim os homens
Porquem elle morreo, a respeitarem.
Quem adora a um só Deus, e cumpre a regra
O triplice Dever que'elle nos marca
Pra com Elle, com sigo, e os outros homens,
Nada pode temer.

Forget Não mais vos canso,
Quem se morrer na Lei era que nascette,
Eu me morreo na minha, e Deo nos julgue
Com aquella infinita piedade

Que merecem tão fracas creaturas.

Mor, Antonio Jore, eu vos imploro
Pra salvação d'uma alma arrependida

Uma só graça. *(repetindo os meus)*

Amim? que fazer posso?

Fogel

Tudo, para apyllear os meus remorsos
Colar um limitivo a consciencia,

Que sem separ me esprobra, e me condemna.

Amim?

Quem sois vós?



Fogel Um perverso, um criminoso

Diante do Senhor, e ante meus olhos,

E indigno do peccado que' ousou implorar vos.

Eu perturbei a repa pax terrestre

Arranquei-vos do mundo, e sepulttei-vos

Nesta escura masmorra;... Apafineei-vos!...

Fui eu!... que horror!... eu mesmo... Oh Marianna!

(Choro de pranto como d'avidoso das Fogelitas com dizer?)

Marianna!

Fogel ja não vive....

Am^{ta} fe
ouvindo estas palavras deixou cair os braços sem
fôrça, desmontou os olhos p^o o céu, tremendo e solu-
çando, ergueu de pois os braços, e sobre o rosto
com os olhos, e com ellas tingidas as lagrimas,
penetrou com voz chorosa.

— Já não vive!...

Minha cara Marianna!... Eu ja sabia....
Eu mesmo a vi cair... Em vão lutava
Para não crer em meus olhos... Deixa lucta
Até me ver na incertera vislumbrou
Uma esperança vaga... Eu me dizia
Que talvez o ~~tomar~~ me fascinasse...
Que um dia mais, talvez... Porém meus olhos
Após me desmentiam... Sua imagem
Sem cor, sem vida, e sobre a terra immovel
Para me espantar de me antolhava...
O seu ultimo ai,... seu ai de morte,
Grito horrivel da dor, que o nó rompia
Entre sua alma e o corpo, de continuo
Re-tumbava nos seios de minha alma...
Oh! por qui eu não enorri n'essa hora horrenda
Minha cara Marianna... Ah! se a incertera

Epa incertera vã, que eu só creava,
 Com qui eu só me illudia, era um abutre
 Que o peito me roia lentamente;
 Esta horrivel certera d'um só golpe
 Me espedaca, e me extingue o sentimento...
 Eis os bens, qui eu tao louco imaginava
 No que enfim acabaram!! Oh Marianna!
 E eu sou, oh dor!... de tua morte a causa
 (Cobre o othor com as mãos e aponta-se sobre o vizo)



Tr. Gil, horrormado

Ah vingai-vos, oh ceos, de mim vingai-vos!
 E eu fui que perpetuei tao negro crime?
 Eu mesmo? -- Oh tenho horror de minha sombra!
 Não mais, ... não mais me occulto a voso othor...
 Digendi isto arranca o capote que she cubria o rosto
 e se mostra pallido com os cabellos erripiados!
 Eis o crime pintado em meu semblante
 Ant. se tornando a si othor para Tr. Gil, levanta-se
 momentaneamente sobre saltadeira, e volta a cabeça
 fazendo as mesmas coisas com o rosto e a
 momento de horror.
 Eis em fim quem eu sou... voltai o rosto?...
 Tendes horror de mim? Oh sim é justo...
 Eu fui o voso algoz... Tenho vingai-vos

Sim vingai vos sentor... amiguitai-me
Com insultos, ... cobri-me de ignominias...
Mas vós nada dizeis?... Efe silencio,
Efe silencio horrivel mais me infama...
Mais me ~~deixado~~ a dor... Cruéis remorsos!
Despedaçai esta alma criminosa!
Não me pouzeis... ah não... apaspinai-me,
Como eu apaspinava... Inferno! inferno!
Ta' star dentro de mim... ah devorai-me...
Mas que silencio!... tudo me abandona...
Tudo foge de mim... horrorizado...
Estos murtalhas sobre mim não caiem!..
Ah... fugamos d'aqui... Após vingada
Após vingada estais todos meus remorsos...

Foge furioso para o fundo da scena, quer subir
a escada, porém logo e no ultimo tropel, e
rola ate o meio da scena e tanto trabalha para
levantar-se, e fica esprevidido. Antonio Jose
no entanto quer dar uns passos para seguir
vato, porém e retido pela cadeira, e para
nao cair se segura n' pilacheta



Basta, basta... se estais arrependido
 A vida dor é plena, recordai-vos
 Do que disse o Senhor: "De seus peccados
 "Não mais me lembrarei, tudo perdão;
 "Por qui eu do peccador não quero a morte,
 Mas qui se converta, e que elle viva.

Tr. 2.º p.º 1.º de 1840

Oh Palavras de Deus! Ellas deviamam
 Na minha dor um balmão suave...
 Eu não mereço tanto... Mas stitoto
 Quem escuta, Senhor, vossas palavras
 Nos dias de afflicção, e de amarguras.
 Ah po fiam ellas inflammam minha alma
 De Fé, e de esperanza; e o meu remorso
 Purificam a nódoa do peccado,
 E como um doce orvalho lavar-me.
 Deste ardor, com que o crime me devora...
 Oh Marianna! do Céu, onde desfructas
 et palma do martyrio, e a paz dos justos
 Meu perdão conduida pronuncia.

Ano 40

A força me abandona... Envio tentara
Blasfemar, e exprobaros; neste instante
Minha ^{alma} se dilata, e de voz do mundo,
A voz da indignação morre em meus lábios...
Oh não sei que procer nunca sentido
Me abata os ossos, e me emenda o peito.
So vejo um penitente arrependido
E ante mim o Senhor me diz: perdoo.
Mortal, perdoo; é teu irmão... Ah vinde
Nossos; agravo a culpa... o voffo indulto
Recebei em meus braços

Fr. Ciprião chorando de prozer atira-se nos
braços de Antonio. Surtem se abgemas
sada badas de sino, e um rufo de tambor.
Foz gel separandose de mim com voz breve e apur-
tada.

Foz gel

leor! que escuto.

Ano 40

É tábem o signal da minha morte...



Frigil

Senhor!...

An^{to}fe - Não receeis, diz ei...

Frigil (soluçando)

Não ouso...

An^{to}fe

Eu intendo... é minha hora derradeiro...

Bem... não tenho pavor... estou tranquillo...

Vós me servis de amigo... em vós confio..

Um só favor vos peço... promettei-me

Desfazer?

Frigil ordenai, eu vos prometto.

An^{to}fe (fingendo regretar a decisão tomada de voltar para a mãe)

Meus bens devem ser todos confiscados

vós o sabeis, não posso dispor d'elles.

Mas escapou-me ainda uma boçeta,

que se trouxe do Brasil, foi um presente

de minha Mãe, quando se deixei a Patria

ilheu Pai servio se d'ella em sua vida

dizendo isto beija a boçeta.

Ei-la... inutilis me foi nesta masonorra.

Dai á Lucia, que a venda, ou que a conserve.

A essa pobre Lucia ... que nem mesmo
Sei onde ella estara.

Fugid Na Eternidade.

Ano 40^o e *meu processo*

Lucia!.. morreu... coitada...

Fugid Poucos dias

Sobreviveo a morte de sua Irma.

Ano 40^o e

Pobre Lucia ... Pois bem, p'ra vos guardaria.

Si a recurdais, vendi-a, e dai esmolas

Aos pobres;... Faze-me eis inda outra graça.

Vos ireis ver o Conde de Ericeira

Dizei-lhe que eu fui sempre seu amigo.

E que antes de morrer me lembrei d'elle,

E grato me mostrei aos seus favores.

Em meu nome pedi-lhe que'elle quizesse

Alguns tocos, inuteis manuscriptos,

Que em suas mãos deixei.

Fugid Oh Providencia!

Porra nemcis de desgraças me reserves!...

Que digeis?...
16

Ant^{to} J^o
Fogil

Oh Senhor, poupar-me ao menos
Desta vez; não queiraes saber o resto.

Ant^{to} J^o

Que o Conde morres!... Oh por piedade
Dozer, digei que não... tranquillizai-me...

Fogil

Eu entaei o contico dos mortos
Na sua sepultura!



Ant^{to} J^o

Oh! se vai apertado
sobre o corpo, mergulhado numa profunda dor
depois de um momento de concentração de
— Também elle!...

Morrerão todos... Todos... Ainda vivo...

Eu tambem vou morrer... Em um so dia
Tantos golpes recibo... e tantas mortes...

Ouve-se o estorrido do ferrolho que corre a
porta de cima da escada se abre, e depois
alguns passos com brandos passos, ouros, ou
nas escadas; um delle, goita de cima —
Ant^{to}

Antonio José!...

Frigil ... Deos!

Antonio José sem dar acôrdo da igne se perfaz fôrça
sem se mover no mesmo lugar: um tremor
que tran os vestivarias da para de fogo de
a proximo ^{tem a cabeça} ~~o~~ verte, sem que elle offerceca a
menor resistencia: depois de vestido, o puxam
pelo braço para que marche: entã elle como
se sabe de um lethargo, examinando com
olho o que se passa em torno de si, quando
o corpo e a cabeça exclamam com esta espe-
cie de riso de desesperaçã

Antonio José

Oh felicemente!..

Vou saudar o meu dia derradeiro
De cima da fogueira... Ador da morte
Não me farei tremer, n Neste momento
Linto todo o vigor da mocidade
Gyrrar em minhas veias, ... Deos ouvi-me
E de minhas miserias condoeu se!
Eu victima vou ser no altar de fogo

Esta vestimenta consiste em uma carrocha, ou mitra de papel montada
e o sambicão, cujos membros se podem ver nos obros, sobre a
Inguinica

Entre a fumaça de meu corpo em cinzas
Minha alma se erguerá, como um aroma
Puro do sacrificio à Eternidade
Receber-a, Senhor. — Eia, partamos.

Adeus, masmorra, — oh Mundo! adeus, oh Sonhos.

Marcha entrecida, e sobe os escadões, do
teatro, sobre a cabeceira, com as mãos, a encosta
a pitas, tra. ouve-se um rufo de tambores,
e pancadões de sino, e o panno branco


Fim do Drama.

Acabei este Drama em 31 de Dezembro de
1836 as 11 horas da noite, em Bru
xellas.

Vista de quando os meus amigos
se o virão = Quem tem os meus
nomes pag. 1. curva = de 10
2-76 1837. 21.11.17.

BIBLIOTECA
BRASIL
NACIONAL

3)

Este manuscrito foi-me dado pelo seu author
no dia 22 de Novembro de 1879, em que elle
partiu para o Maranhão como Secretario
do Presidente Luiz Alves de Lima
Araujo Porto Alegre.

BIBLIOTECA
NACIONAL
BRASIL

BIBLIOTECA
BRASIL
NACIONAL

1.487.494-AA

20/4/2016